

DILÉA ZANOTTO MANFIO

## Glossário

### **Jamaxi**

Jamaxi é o cesto que o índio carrega às costas, transportando geralmente mandioca, o alimento. Jamaxi, neste livro, reúne informações; não para alimentar a leitura, que isso não é preciso, mas, para completá-la. Macunaíma, na medida em que cria um todo brasileiro além da singularidade geográfica, um espaço de ficção que se liga visceralmente ao desenvolvimento da ação, dá as chaves do que realmente interessa. Assim, por mais que desconheça denominações de plantas, aves, peixes, o leitor, através do padrão rítmico-explicativo, apostado às enumerações – “todos esses” – ou do próprio sentido da frase, saberá do que se trata. Não terá a atenção desviada para a informação, quando o que vale mais é a verossimilhança. Sendo assim, este glossário deve ser encarado como um instrumento de trabalho destinado a quem se inclinar sobre o texto com intenção de estudo, voltado ou não para a matéria ficcional. Se a preocupação for o estudo da narrativa, este Jamaxi esclarecerá dados de época, decorrentes do anseio de fixar o presente, o aqui e o agora da “literatura de circunstância” de Mário de Andrade. Palavras como “grilo”, “Assistência”, “xispeteó”, modas e a gíria da década de 1920 caídas em desuso, regionalismos ficam, portanto, explicados. Neste trabalho contei com a fonte básica do Roteiro de Macunaíma de M. Cavalcanti Proença e com a colaboração de Darcilene de Sena Rezende, dedicada auxiliar de pesquisa. Conte também, na redação dos verbetes, com Telê Ancona Lopez e Tatiana Longo Figueiredo.

- abio** (cap. 2) ou abiu. Do tupi a'hiu. Fruto do abieiro, de baga amarela e doce; quando madura é muito apreciada. (ABH, MCP)
- abricô** (cap. 8) do francês abricot. Fruto do abricoteiro: baga pequena amarela, esférica, de polpa farinácea, doce e sementes negras e lisas. (ABH, MCP)
- abrideira** (cap. 7) “a inicial; primeiro copo, primeira dança, primeiro prato. O inverso de saideira. Diz-se, também, Abre, e, nessa acepção, Henry W. Bates, em 1849, ouviu no alto Amazonas.” (LCC, MCP) Sinônimo de cachaça.
- açacu** (caps. 7 e 17) do tupi asa'ku. Árvore de grande porte da família das euforbiáceas (*Huru crepitans*), cujo suco os indígenas utilizavam para apanhar peixes. A seiva é tóxica. (ABH, LCT, MCP)
- açaí** (cap. 2) do tupi vasa'i, fruta que chora; da palmeira açai (*Enterpa oleracea*); saboroso e nutritivo, de uso generalizado em toda a região Amazônica. Amassado com açúcar, farinha d'água ou tapioca é o alimento do pobre no Pará.
- acapu** (caps. 10 e 14) do tupi aka'pu. Árvore da família das leguminosas (*Vonacapoua americana*), comum na Amazônia e nas Guianas; atinge vinte ou mais metros de altura. Fornece madeira de duração ilimitada, utilizada para tacos e móveis finos. Angelim-de-folha-larga, araceú, pitangueira são outras denominações pela qual é conhecida. (ABH, MCP)
- acapurana** (cap. 5) do tupi akapurana. Árvore da família das leguminosas (*Campsiandra laurifolia*), de flores róseas, grandes frutas e madeira durável, própria para construção, marcenaria etc. Conhecida também como acapu-o-igapó, acapurana-vermelha, capoeirana, cumandá, manaiara. Amazônia. (ABH, MCP)
- acará** (cap. 5) fumaça de chumaço de algodão incendiado que, nos candomblés bantos, é engolido por pessoas em transe para confirmação da presença do orixá no terreiro.
- acará** (cap. 16) peixe de água doce; *Hydrogunus ocellatus* günter e *Astronotus ocellatus* Agassiz. Encontrado nos lagos amazônicos, afeito à água de temperatura alta; alimenta-se de lodo.
- acariúba** (cap. 2) ou acariquara, do tupi Acary'evara, buraco do acari. Designação comum a duas árvores da família das olacáceas (*Minquartia guianensis* e *Minquartia princtata*), encontrada nas margens dos pequenos cursos d'água; de madeira incorruptível resistente à umidade da

terra, utilizada em esteios, dormentes e obras exteriores. Árvore da qual se extrai tintura preta. (ABH, MCP, DH)

**Acutipuru** (cap. 4) “Uma das divindades propiciadoras do sono, segundo quadra colhida por Barbosa Rodrigues. Tem toda a admiração do indígena, porque, segundo afirmam, é um dos poucos animais que sabem descer das árvores mais altas de cabeça para baixo. Acresce que, para muitos, é sob a forma do Acutipuru que a alma sobe ao céu, logo que o corpo acaba de apodrecer – Espécie de esquilo, vulgarmente chamado rato de palmeira.” (MCP) Poranduba amazonense de Barbosa Rodrigues, uma das fontes de Macunaíma, dá: Acuti=cutia e puru – emprestado. Entre as cantigas está o acalanto indígena de Parintins: “Acuti: puru, tu emprestas / o teu sono este filho a/ não dormir quer/ tu emprestas dormir para”. (TPAL)

**Aimalá-Pódole** (cap. 14) ou Aimará-Pódole, o Pai da Traíra. Pai, em taulipangue, é pódole; aimará é o peixe traíra. (MCP)

**aimará** (cap. 11) traíra, peixe de água doce da família dos caracídeos (*Macrodontomys thabira*). Carnívoro e predador, tem dorso negro, flancos pardos e manchas escuras irregulares pelo corpo.

**aipim** (caps. 2 e 8) aipi, castelinha, uaipi, macaxeira, mandioca-doce, mandioca-mama, maniva, maiveira, pão-de-pobre. Planta leitosa, da família das euforbiáceas, cujos tubérculos, ricos em amido, são de largo emprego na alimentação e da qual há espécies venenosas que servem para fazer farinha de mesa. O tubérculo dessa planta. (ABH)

**ajojo** (cap. 5) corruptela de ajoio. “Meio de transporte fluvial composto de duas ou três canoas convenientemente unidas, tendo por cima um lastro de tábuas ou paus roliços, seguros com alças ou tiras de couro cru. Movidos a varas ou remos, servem os ajojos para transporte de passageiros, carga e gado, de uma a outra margem dos rios.” (MCP)

**ajurucatinga** (cap. 17) papagaio do mangue, de mau cheiro, curica fedorenta. (MCP) Sob a denominação genérica de ajuru, compreendem-se várias espécies ou papagaios do gênero *Amazonas*, ao qual pertence também o papagaio verdadeiro. O ajuru é também conhecido como moleiro.

**Alamoia** (cap. 8) “entidade fantasmagórica que aparece na ilha Fernando de Noronha. É moça branca, loura, nua, tentando os pescadores ou caminhantes retardatários. Transforma-se depois em um esqueleto,

- endoidecendo o namorado que a seguiu. É também vista como uma luz ofuscante, policolor, perseguindo quem foge dela.” (LCC)
- aluá** (cap. 2) do árabe heluan, o doce. Bebida refrigerante fermentada, feita de abacaxi, milho, ou arroz, com açúcar. (LCC, MCP) Do quimbundo ialuá. Bebida refrigerante do Norte brasileiro feita com farinha de arroz ou milho torrado, fermentada com açúcar em potes de barro. No Mato Grosso é feita com cascas de abacaxi.
- Amargosa** (cap. 11) cidade da Bahia, situada a 118 km de Salvador, a capital do estado; elevada à categoria de cidade em 19 junho de 1891. (DGB)
- Anamburucu** (cap. 7) do iorubá. O mais velho dos três orixás das águas, Anamburucu, Iemanjá e Oxum. O mesmo que Nanamburucu, Nanã, Anã, Onanã. (LCC, MCP) O mito é analisado por Artur Ramos sob uma perspectiva psicanalítica em O negro brasileiro.
- anaquilã** (cap. 6) “formiga amazônica que, segundo o mito taulipangue, é a pimenta do gigante Piaimã.” (MCP)
- andiroba** (cap. 12) do tupi ãdi’roba, óleo amargo. Árvore da família das meliáceas (*Carapa guianensis*); dá madeira usada em carpintaria, em marcenaria e em medicina popular; das sementes se extrai o azeite de andiroba. (ABH, MCP)
- angelim** (cap. 5) do tâmul anjili. Fava-de-bolota. Norte e Nordeste. Designação comum a duas árvores com grandes sapopembas ou troncos, de flores vermelho-escuras e vagem coriácea, contendo várias sementes. Andirá, ararapitui, faveira, rabo-de-arara, visgueiro, paricá-grande, pracari. (ABH, MCP)
- Anhanga** (cap. 2) do tupi a’ñaga. Deus da caça do campo, entre os Tupi. É um dos mitos mais antigos do Brasil colonial, registrado pelos cronistas da época. (ABH, MCP, LCC) Confundido pelos missionários com o diabo.
- anhuma** (cap. 16) inhuma ou vinhaúma, ave palamedeída (*Palamedea cornuta*). Possui um espinho recurvo na cabeça e dois esporões no bordo anterior das asas. Herbívora. (MCP)
- aninga** (caps. 1 e 5) do tupi a’ñiga, planta da família das aráceas (*Montrichardia linifera*), medicinal, cresce na beira dos alagadiços; presta-se à fabricação de cordas, cabos e linhas. (MCP, LCT)
- antianti** (cap. 15) Designação comum às aves do gênero *Lanus* palmipedo, gaivota. Amazônia. Segundo Barbosa Rodrigues, o nome é onomatopeia

- do canto. A cantiga de remar “anti-anti” do rio Branco, recolhida em Poranduba amazonense (p. 289) inspirou a de Macunaíma. (TPAL)
- aperema** (caps. 4 e 16) do tupi apérema, casca fétida. Réptil da ordem dos quelônios, da família dos testudinídeos (*Geomydapunctularia*).  
Amazônia: espécie de cágado, é usado como alimento. Cabena, cambéua, jabuti-a-perema. (ABH, LCT, MCP)
- Apertados do Inhamum** (cap. 11) Ceará, regiões situadas a duas léguas da fazenda Carrapateira, conhecidas por apresentarem litógrafos. (MCP, DZM)
- apiacá** (cap. 4) espécie de marimbondo de notável agressividade. (ABH, GEDL)
- apuizeiro** (cap. 14) apuí, designação comum às espécies de *Ficus*, da família das moráceas (*Ficus fagifolia* e *Ficus mymphoefolia*), árvores cuja casca exsuda látex. (ABH, MCP)
- aracu** (cap. 13) do tupi araku, piava, piau. Designação comum a várias espécies de peixes fluviais da família dos caracídeos; alimentam-se de matéria vegetal e animais em decomposição. (ABH, MCP)
- aracuã** (cap. 4) do tupi ara-kwã, araquã. Ave galiforme da família dos cracídeos, gênero *ortalis*, com cinco espécies no Brasil. Vivem a maior parte do tempo nas árvores, raramente vindo ao chão; cantam ao nascer e ao pôr do sol. (ABH, MCP)
- aranha tatamanha** (cap. 4) “expressão popular que quer dizer, mais ou menos, a aranha enorme, montruosa.” (Nota de Mário de Andrade para a tradução de Macunaíma).
- arapaçu** (cap. 15) variação de araraúva, pequidá-marfim ou araracanga. Árvoredo da floresta pluvial; da casca se extrai tinta carmim-vivo. A madeira é útil como a peroba. (ABH, MCP)
- Aratanha** (cap. 11) serra do Ceará que contém litógrafos. (MCP)
- ariramba** (cap. 15) Amazonas, do tupi ari’rãba. Designação comum às espécies de aves da família dos alcedinídeos, (*Alcedo Vinidis*) frequentadoras de rios e lagoas do Brasil. Apresentam coloração quase sempre azul ou verde-metálica, com várias outras cores intercaladas. Alimentam-se exclusivamente de peixes. Martim, martim-grande, martim-pescador, papa-peixe, pica-peixe, urarirana. (ABH, MCP)
- ariticum** (cap. 8) “Aratucy, araticum. Do tupi arati’ku. Árvore de cerrado, da família das anonáceas, cujos frutos, enormes e doces, são perfumados e agradáveis ao paladar.” (ABH, MCP)

**aruá** (cap. 5) expressão familiar no Nordeste brasileiro para tolo ou ingênuo em demasia, como em “Besta como aruá”. Provém do nome de um molusco do gênero ampularia. (ABH)

**aruana** (cap. 11) arauaná ou carapaná. Peixe da família dos osteoglossídeos (*Osteoglossum bicinuosum*, *Ischnosoma bicinuosum spix*) da bacia amazônica, de até um metro de comprimento, longo e achatado como uma lâmina, de escamas prateadas.

**Assistência** (cap. 7) nome popular dado à ambulância da Assistência Pública.

**aturiá** (caps. 4 e 11) cesto com quatro pernas, usado sobretudo para transportar mandioca. (MCP)

**aviú** (cap. 16) pequeno camarão da Amazônia.

**babalaô** (cap. 7) sacerdote dos cultos jeje-nagôs. (LCC, MCP)

**bacaba** (cap. 5) do tupi wa’kawa, fruto que dá gordura. Designação de várias espécies de palmeiras existentes no Amazonas e em Mato Grosso (*Oenocarpus circuntextus*, *Oenocarpus multicaulis* e *Oenocarpus tarapabo*).

**Bacamarte** (cap. 11), hoje Riachão do Bacamarte, cidade na Paraíba, cuja denominação advém da arma de fogo antiga, bacamarte.

**bacharel de Cananeia** (cap. 4) personagem misteriosa do início da colonização portuguesa, cuja origem não foi, até o momento, conhecida pelos historiadores. Português, comerciante e bacharel, viveu na capitania de São Vicente. (NDHB)

**bacororô** (cap. 1) dança dos índios bororos. O nome decorre do fato da quase totalidade dos cantos na tribo começarem por essa palavra. (MCP)

**bacu** (cap. 5) peixe de água-doce do gênero prochilodus.

**bacuparizeiro** (cap. 4) provindo do tupi, designação comum a várias espécies de plantas existentes em sua maioria no Brasil. O arbusto presente em Macunaíma é o *Gaveinea cochinchinensis* que dá frutos amarelo-avermelhados, diuréticos.

**bacuri** (caps. 8 e 16) “Árvore desenvolvida. O fruto, amarelo, parece uma laranja grande. A polpa é branca, acidulada e doce. A compota, fina, delicada, incomparável; o sorvete, delicioso.” (MCP) Família das gentíferáceas (*Platonia insignis*).

**bagual** (caps. 7, 11, 13 e 17) cavalo indômito, cavalo vistoso, cavalo ruim, trotão. (MCP)

- balata** (cap. 12) luvas de balata, de borracha sapotácea da Amazônia (*Mimesops bidentada*, *Ecchinusa balata*).
- baníni** (cap. 5) espécie de flecha. (MCP)
- Barra do Poti** (cap. 11) Ceará, rio afluente da margem direita do rio Parnaíba; nasce na Serra da Joaninha, em território cearense. A região da Barra do Poti é de importância pré-histórica, possuindo litógrafos. (DGB)
- barroqueira** (cap. 12) garganta funda, em geral no meio de um vale. (ABH)
- Baru** (cap. 7) orixá citado por João do Rio (*Religiões do Rio*, p. 38) sem pormenores que o identifiquem. Artur Ramos (*O negro brasileiro*, p. 39) julga ser a entidade o Wari-Waru, orixá da varíola. (LCC)
- Beberibe** (cap. 12) cidade do Ceará no Nordeste brasileiro. (DGB)
- bereva** (cap. 16) ferida, pereba.
- bicuda** (cap. 13) faca estreita e comprida, faca de ponta. Cotruco, espinho, espinho-de-santo-antônio, lapiana, pajeú, parnaíba, pernambucana, tijubina, lambedeira. (ABH, MCP)
- bife** (cap. 11) beef, alcunha do inglês em Portugal e no Brasil. (LCC, MCP)
- biguá** (cap. 1) “Ave da família Carbonídeos (Carbo vigua); cauda, pescoço e bico enormemente alongados. Persegue os peixes d’água e é exímio mergulhador.” (MCP)
- biguatinga** (cap. 1) ave “(*Plotus anhinga*) semelhante ao biguá, de que difere pelo colorido; o pescoço, dorso e asas são quase brancos”. (MCP)
- birigui** (cap. 16) “biriqui, bariqui, marigui e mosquito-palha. Mosquito hematófago, da família dos Pschydídeos, gênero Phlebotonus. É o transmissor da leishmaniose cutânea ou úlcera de Bauru.” (MCP)
- bocaina** (cap. 12) “Depressão, colo, garganta, boqueirão das serras. O termo é mais comum no Sul. Chermont de Miranda informa que, na Amazônia, designa a foz de um rio ou a entrada de um lago que se comunica com o rio por um desaguadouro.” (MCP)
- boi** (cap. 16) bumba-meu-boi, boi-bumbá. Dança dramática do Brasil. A primeira denominação cobre o Nordeste quando é realizada na época do Natal. A segunda, o Norte, quando a dança tem lugar no meio do ano. Ligando-se aos ritos de vegetação, à estação das chuvas e aos solstícios de inverno e verão nos hemisférios norte e sul, o bailado e seus cantos foi objeto de acurado estudo do escritor nas Danças dramáticas do Brasil. (TPAL)
- boi-bumbá** (cap. 16) “Bumba-meu-boi do Pará e Amazonas.” Peregrino Jr. define: “Festa popular, que se realiza em Belém e nos arredores, por São

João. Consiste na exibição de um boi de pau e pano, conduzido por dois personagens – Pai Francisco, preto velho, mãe Catirina, sua mulher, que são acompanhados por dois ou três cavalos e uma orquestra composta de rabecas e cavaquinhos”. (LCC)

**boipeba** (cap. 14) ou ilha de Boipeba, no litoral da Bahia. Nome que decorre do tupi mboi’pewa, cobra chata. Boipeba designa ainda: capitão-do-campo, capitão-do-mato, cabeça-chata, cobra-chata, jararambreva, jararacuçu-tipiti, perpeva. (ABH)

**boitató** (caps. 3 e 5) bitatá, batata, fogo-fátuo. (MCP)

**boiuna** (caps. 4 e 7) “m’boi, cobra, una, preta, o mais popular dos mitos amazônicos. Parece ter sido origem de um ciclo mítico. O prestígio da Boiuna se limita ao pavor determinado por sua voracidade e multiplicidade das transformações para fazer o mal. Para ela convergiu o mito da mãe-d’água, despido de suas formas sugestivas de beleza, canto e amor.” (LCC)

**Bom Jardim** (cap. 16) Rio Grande do Norte, engenho da família do crítico de arte Antônio Bento de Araújo Lima. Antônio Bento, mesmo antes da segunda viagem de Mário de Andrade ao Nordeste, já lhe valia como informante: a cantiga de bumba-meu-boi “Urubu é passo feio” no capítulo 16 de Macunaíma provém do Bom Jardim, reconhecido como “estância do Rio Grande do Sul”. (TPAL)

**boró** (cap. 5) gíria para dinheiro; bilhete de bonde que circulava como moeda em Belém. (MCP)

**borrachudo** (caps. 2, 8 e 13) ou pium, mosquito hematófago da família Simuliidae, gênero Simulium.

**Boto-Branco** (cap. 7) entidade da pajelança da Amazônia, estudada por Mário de Andrade em Música de feitiçaria no Brasil. Prende-se ao boto, cetáceo fluvial que, no folclore da região, tem fama de sedutor das moças ribeirinhas; considerado o pai de todos os filhos de responsabilidade desconhecida. (LCC, MCP)

**Breves** (cap. 6) Pará, município constituído em grande parte por numerosas ilhas, separadas e recortadas por um labirinto de furos, canais e passagens estreitas. Região conhecida pelo artesanato de cerâmica e pelas inscrições rupestres. (DGB)

**bruaca** (cap. 8) gíria para mulher velha, feia.

**caapora** (caps. 5, 11 e 14) “Duende maligno habitante das nossas florestas.” (MCP) Do tupi caa’pora: o quê há no mato, o mesmo que caipora.



- Macunaíma acolhe uma das formas da caopora: uma mulher. Não lhe dá, contudo, outros atributos como um pé só, locomovendo-se aos saltos.
- cabaré** (cap. 5) vários cabarés localizavam-se em Sant’Ana, bairro paulistano afastado do centro. Entre eles, destacava-se a Casa das Rosas, de Pérola Branca (nome traduzindo o de Pearl White, atriz do cinema norte-americano); famoso pelas lagostas e francesas.
- caboré** (cap. 15) ou caburé, designação comum às pequenas espécies de corujas, da América do Sul; de pio ululado e lúgubre, tido como agoureiro. (MCP, LCC) Gênero glaucídeo. Também pode significar mestiço de índio com negro.
- caborje** (cap. 15) “Peixe do rio São Francisco. Vive na margem do rio, no tempo das chuvas é fácil de pegar. Com esse nome designam-se as prostitutas que vivem no porto de Juazeiro. Mário de Andrade usou a palavra no sentido de feitiço. Feitiço, encantamento, saquinho que tem dentro uma oração escrita, e que se leva num cordão dependurado ao pescoço.” (MCP)
- cacau** (caps. 5, 9 e 12) fruto da família das sterculiaceas. Mário de Andrade usa com o sentido de dinheiro, aproveitando a função que o cacau teve na Amazônia quando dos primeiros tempos de sua exploração. (MCP)
- caguira** (cap. 6) “Azar, falta de sorte.” (MCP) “É termo de São Paulo, em sentido figurado, na acepção de pessoa infeliz.” (LCC)
- caiçara** (cap. 8) cercado à beira dos rios amazônicos, construído sobre palafitas para proteger o gado das enchentes e do ataque das piranhas. Mário de Andrade apresenta as caiçaras amazônicas n’O Turista Aprendiz. “Caiçaras”, segundo Telê Ancona Lopez, é o contraponto de Pirineus, configurando Brasil e Europa, no “Brasão” do poeta.
- caiçuma** (cap. 6) “bebida fermentada, de frutas, geralmente pupunha, ou de milho cozido ou mascado para facilitar a fermentação.” (ABH, MCP)
- caiuanogue** (caps. 8 e 17) estrela da manhã ou o planeta Vênus.
- cajá** (cap. 5) *Apondias lutea* ou *Apondias dulcis*. Espécie de manga com espinhos no caroço, existente em zonas quentes do Brasil, de norte a sul.
- cajuí** (cap. 16) do tupi akaju’i, caju pequeno. Fruta da família das anacardiáceas (*Anacardium microcarpum*).
- Camaiuíá** (cap. 10) “Kamayuíá. Vespa muito grande. Segundo a lenda taulipangue, o aparecimento da estrela Alfa do Centauro é explicado pela transformação de Camaiuíá em estrela, quando Camaiuíá voou para o céu atrás de Pauí-Pódole, para matá-lo com a zarabatana.” (MCP)

**Cambigique** (cap. 5) nome de uma vespa segundo Koch-Grünberg. Em Macunaíma, é nome de uma formiga, também himenóptero. (MCP)

**Cametá** (cap. 6) cidade do Pará. Antiga Vila Viçosa de Santa Cruz de Cametá. Localiza-se na foz do rio Tocantins; comunica-se por via fluvial com a capital do Estado, Belém. (DGB)

**camorim** (cap. 2) ou camurim, robalo. Peixe da família dos centropomídeos, da costa atlântica do Brasil. (MCP, ABH)

**camuatá** (cap. 5) peixe de água doce.

**Camutengo** (cap. 11) cidade de Pernambuco, zona do litoral e da mata. (GEDL)

**candiru** (caps. 2 e 9) do tupi kãdi'ru, designação comum a várias espécies de peixes da família do tricomiterídeos. Medem de 3 a 5 cm de comprimento, corpo cilíndrico. É crença popular, não comprovada cientificamente, que o candiru penetra na uretra das pessoas que se estão banhando nos rios. Morde muitas vezes pessoas e animais para sugar-lhes o sangue. (ABH, MCP)

**canguçu** (cap. 16) do tupi akãgu'su, cabeça grande; onça-pintada.

**canjerana** (cap. 16) “Árvore de madeira vermelha, aromática e fácil de trabalhar.” Gênero cabrália. (ABH)

**capiroto** (cap. 7) capeta, demônio, diabo. (MCP)

**capivara** (cap. 16) do tupi Kapi'wara: comedor de capim. Grandes roedores, da família dos cavídeos (*Hydrochoerus hydrochoeris*). Vivem à beira dos rios e lagoas.

**caponete** (cap. 15) “capões de mato de pequenas dimensões.” (MCP)

**Caputera** (cap. 4) “Sítio pré-histórico no litoral de Santa Catarina onde existem sambaquis.” (MCP)

**cará** (cap. 15) ou acará, planta rasteira e trepadeira da família das dioscoreáceas providas de tubérculos alimentares.

**cara de André** (cap. 11) gíria de época, inibido, encalistrado, envergonhado.

**Caraimonhaga** (cap. 10) “Religião criada pelos índios, imitação e sincretismo com a religião católica, e frequente em certa época nos sertões brasileiros. Caraimonhaga era a santidade dos índios; acaraimonhaga, num dicionário de línguas indígenas, do século XVI, é ‘fazer santidade’. Capistrano de Abreu, Primeira visitação do Santo Ofício – confissões da Bahia.” (MCP)

**carajá** (cap. 17) tribo indígena da ilha do Bananal e margens do rio Araguaia. (LCT, ABH)

- carapanã** (cap. 10) “do tupi Karapa’ná. Mosquito hematófago.” (ABH, MCP)
- carapanaúba** (cap. 2) do tupi kara-pana’iba, árvore do mosquito. Árvore grande, da família das apocináceas, de flores alvacentas e veludas; fruto folicular muito rugoso. Da casca se obtém uma infusão amarga usada para a cura de febres. (ABH, MCP)
- carataí** (cap. 10) do tupi karata’i. Peixe da Amazônia da família dos doracídeos (*Anadoras wedellii*). (ABH, MCP)
- carauá** (cap. 5) ou caroã, do tupi kara’wã, todo com espinho. Planta da família das bromeliáceas (*Neoglaziovia variegata*), cujas folhas se usam na manufatura de barbante, linhas de pesca e tecidos.
- cardeiro** (cap. 1) planta Papaverácea. O suco é usado como narcótico, analgésico; denominação comum a várias plantas da família das cactáceas. (MCP)
- cariapemba** (cap. 7) entidade maléfica para os escravos africanos. (MCP, LCC)
- carimã** (cap. 2) do tupi Kari’Mã. “Bolo de massa de mandioca, próprio para fazer papa, mingau. Vendem-no envolto em folha. Também o empregam como fécula para engrossar caldos.” (MCP, ABH)
- Carrapatu** (cap. 15) “variante de Tutu-marambá e do Bicho-papão, com que se amedrontam as crianças insones.” (MCP)
- caruru** (cap. 1) do africano kalalu. Designação comum a várias plantas alimentares da família das amarantáceas, cujas folhas, verdes, são saborosas e nutritivas, e por isso muito usadas na culinária. Brasil de norte a sul. (ABH, MCP)
- Caruviana** (cap. 11) ou crewiana. Pará e Bahia: vento frio, friagem. (MCP)
- casca-sacaca** (cap. 6) sacaca do tupi saka’ka. Árvore da família das euforbiáceas, da floresta úmida. Casca aromática e madeira amarelada e mole.
- catauari** (cap. 5) do tupi katarwa’ri. Pequena árvore com propriedades medicinais da família das capardáceas (*Crataera benthami*). Amazônia. (ABH)
- cateto** (cap. 16) porco do mato, caititu.
- catimbozeiro** (caps. 2, 10 e 16) oficiante do catimbó, culto sincrético do Nordeste brasileiro.
- catolé** (cap. 17) ou catulé. Palmeira nativa do Brasil cujas folhas são comumente utilizadas na cobertura de casas e para fazer chapéus, redes e

cordas. (DH)

**cauim** (cap. 5) do tupi ka'wi, bebida fermentada. Espécie de bebida preparada com a mandioca cozida e fermentada, ou milho ou frutas. (ABH, MCP)

**caxiri** (caps. 1, 2, 7, 15 e Ep.) em língua geral, é uma bebida fermentada de beiju e manicoera, sumo venenoso da mandioca, depois de volatizado por cocção. (UP&TK) Bebida inebriante, usada nas festas indígenas. É preparada com pajauruaçu, grande bolo de farinha de mandioca, ou beiju. (MCP) Em Koch-Grünberg, o caxiri é ligado à grande festa de bebida, na qual os índios dançam o tucuji. Pamonha. (LCC)

**Ceiuci** (caps. 5, 6 e 11) “o nome da mãe do Jurupari (demônio entre os Tupi), virgem que ficou prenhe pelo sumo da cucura do mato (rio Negro) ou do purumã (Solimões) que, enquanto comia, lhe escorria pelos seios abaixo.” (LCC) “A palavra Ceiuci significa a constelação das Plêiades, a que o nosso povo chama de Sete Estrelas; e significa, também, velha gulosa, ou uma fada indígena que vivia perseguida por eterna fome.” (CM) No texto, Mário de Andrade aproveita a lenda para a velha gulosa, coligida em 1865 por Couto Magalhães, entre os índios Amambé. (MCP)

**chabó** (cap. 4) andorinha existente em toda a América do Sul cisandina. Taperá, andorinha-do-campo, major. (ABH, MCP)

**chavascal** (cap. 12) “nome dado em Mato Grosso a certas zonas do estado, onde cresce uma vegetação de cerca de três metros de altura, muito densa e intrincada.” (BJS, MCP)

**chinoca** (cap. 8) diminutivo de china (mulher) no linguajar do pampa. (MCP)

**chita** (cap. 15) tecido popular do algodão.

**chuí** (cap. 3) “membro viril, na língua maxuruna. O mesmo que uaiariquinizês (cap. 2), na língua dos nhambiquaras.” (MCP)

**Ci** (caps. 3, 4, 5, 9, 11 e 15) “Mãe. Forma antiga. Hoje em todo o Amazonas, usa-se mais correntemente de mãe ou manhã. Ci, todavia, além de ser conservado em muitas terminações, como Iaci, Coaraci, é ainda usado, em muitos lugares sempre que se refere a alguma das mães que, conforme a crença indígena, foi a origem e hoje preside ao destino das coisas que dela se originaram. O indígena não concebe nada do que existe sem mãe.” (LCC) “Ci, mãe do mato. Ci, estrela, que vai para o céu, subindo por um fio ou cipó.” Mário de Andrade retoma a lenda dos Caxinauá e reelabora

a mitologia taulipangue, na qual é Cunaná, o cipó, que brilha como Beta do Centauro, conforme Koch-Grünberg. (MCP)

**coandu** (cap. 16) ouriço-cacheiro. (MCP)

**cocar** (cap. 13) enfeite plumário para a cabeça usado pelos índios brasileiros; penacho, laço ou distintivo que se usa na cabeça, no chapéu, no elmo etc. (ABH)

**codório** (cap. 10) do latim quod ore. Bebida, bebedeira. Estar no codório; estar na chuva, embriagado. (GDEP)

**congote** (cap. 11) pescoço.

**constipado** (cap. 11) brasileirismo referente não a constipação intestinal, mas a resfriados, refluxo, coriza.

**Conte Verde** (cap. 13) transatlântico da Navigazione Generale Italiana que possuía ainda outros dois, também de alto luxo: o Conte Grande e o Conte Biancamano. O Conte Verde era usado pelos políticos de São Paulo quando se dirigiam ao Rio de Janeiro.

**copaíba** (cap. 1) do tupi kupa’iwa. Árvore frondosa da família das leguminosas, de madeira avermelhada e usada em marcenaria. Produz um óleo medicinal espesso, viscoso, de tonalidade que vai do amarelo ao pardo. Copaiabeira, pau-de-óleo. Brasil, Amazonas a Pará. (ABH, MCP)

**cornimboque** (cap. 12) “ponta de chifre de boi, cabra ou carneiro, para guardar o ‘torrado’ ou tabaco de caco.” (MCP)

**coroca** (caps. 4, 8, 17) gíria para velha ou velho.

**corote** (cap. 2) pote de barro usado para água.

**cotcho** (cap. 3) “Viola pequena, feita em geral de madeira de parã, árvore das margens do Cuiabá, São Lourenço e Paraguai; as cordas são de tripa de macaco. O nome dado na zona é o de viola de cocho. O t (cotcho) foi introduzido por Roquete Pinto, na Rondônia, para indicar a pronúncia cuiabana.” (MCP)

**cotruco** (cap. 12) vendedor ambulante, mascate.

**craguatá** (cap. 15) ou caraguatá. “Do tupi karawa’ta, croá duro. Planta ornamental.” (ABH)

**crisólita** (cap. 6) pedra preciosa dourada.

**crô** (cap. 7) espécie de rato. “O hábito de sarjar a pele com dentes de animais é comum a muitas tribos. As incisões têm por fim, conforme a tribo, fortalecer o jovem, tornando-o apto a vencer novas provas, ou para demonstrar sua valentia.” (MCP)

- crueira** (cap. 2) do tupi kuru'era. Farela da farinha de mandioca, por grosso não passa na urupema ou peneira.
- cuati** (cap. 16) ou quati, do tupi akwa'ti, “nariz pontudo”. Mamífero carnívoro. (ABH)
- cucuicogue** (cap. 1) dança religiosa. Segundo o narrador de Koch-Grünberg, Arekuná-Akúli, a dança lenta, andada, celebrando o mito de Emejimaípu ou Kukújikog, o pai dos Mauarê. (TPAL)
- cuia** (caps. 6, 7, 13 e 15) do tupi kuya. Metade do fruto maduro da abóbora, seco ao sol ou impermeabilizado por um processo especial. Usado como vasilhame.
- cuitê** (cap. 4) do tupi kuya e'te, cuia verdadeira. Fruto da cuiadeira. Árvore baixa da família das bignoniáceas, de caule tortuoso, cujo fruto, baga, é usado como vasilhas, cuias e instrumentos musicais. Amazonas e Pará. (ABH, MCP)
- cumacá** (cap. 6) “Cumacaá. Asclepodácea, trepadeira latescente. Acha-se associada a uma série de superstições entre os sertanejos amazonenses: dá beleza, livra de prisão, prende namorado etc.” (M. Pio Corrêa, *Dicionário das plantas úteis do Brasil*) “Casta de planta que fornece uma fécula parecida com a da tapioca-sapurá.” (MCP)
- cumaru** (caps. 6 e 15) do tupi kumba'ru. “Árvore da família das leguminosas, própria de mata úmida.” (ABH, MCP)
- cumaté** (cap. 6) “arbustos ornamentais, cujas cascas são ricas em tanino, tinta roxa que fica negra e firme sob a ação do amoníaco. É usada nas cuias negras e lustrosas.” (ABH, MCP)
- Cunani** (cap. 6) rio do Amapá. Região onde há vestígios de uma civilização pré-colombiana na cerâmica de grande beleza.
- cunauaru** (cap. 2) do tupi kunawa'ru. “Na Amazônia é nome de uma pequena rã. Prepara o ninho, em forma de panela, no oco da almecegueira, onde se acumula uma resina muito aromática.” (MCP) Este sapo, segundo a crença indígena, traz felicidade. (ABH)
- cunavá** (cap. 10) kunawa. A lenda taulipangue explica o aparecimento da estrela Beta do Centauro, pela transformação da planta mágica, kunawá, em estrela, quando ao lado de kumayá, perseguia Pauí-Pódole, como assinala Proença, consultando Koch-Grünberg.
- cunhatã** (caps. 1, 4, 6, 8, 10, 13 e 17) do tupi ku'ña, mulher jovem. Cunhã, acunhã. (ABH, MCP) Moça solteira.

**cupuaçu** (cap. 16) do *tupi* kupua'su, cupu grande. “Árvore cujo fruto é doce e comestível. Cresce em terrenos alagadiços e igapós.” (ABH, MCP)

**curauá** (cap. 1) do *tupi* kura'wa. Planta da família das bromeliáceas de cujas folhas, sem espinhos, se faz fibra têxtil. (ABH, MCP)

**curimatá** (cap. 4) do *tupi* kuruma'tá. “Peixes da família dos caracídeos. Sua pesca é feita com redes; alimentam-se de vegetais e de lodo; costumam remexer a terra nas lagoas, donde lhes vêm o nome de papa-terra. Curibatá, curimatã, curimatau, curimba, curimbatá, grumatá, papa-terra.” (ABH)

**curió** (cap. 14) do *tupi* kuri'o. Ave passeriforme da família dos frangelídeos (*Oryzobouru angloensis*), existente em todo o território brasileiro. Sinônimos: avinhado, bico-de-furo, papa-arroz.

**Currupira** (cap. 2) “Curupira; do *tupi* kuru'pir, ‘o coberto de pústulas’. Ente fantástico que, segundo a credence popular, habita as matas e é um índio cujos pés apresentam o calcanhar para diante e os dedos para trás.” (ABH)

**curuatá** (cap. 5) “Invólucro das flores de certas palmeiras.” (ABH, MCP)

**curumim** (caps. 1, 2 e 3) ou curumi. Do *tupi* kuru'mi, menino. Amazonas. (ABH, MCP)

**curupê** (cap. 15) ou tarapé. Formiga, *cuja* cabeça achatada os índios do Japurá usavam em suas flechas a fim de não errarem o alvo. (ABH, MCP)

**cururu** (cap. 13) no texto, dança, canto em desafio, relacionado com as festas religiosas no plano da louvação popular, em Mato Grosso, Goiás, São Paulo. Desafio cantado, improvisado, obedecendo às carreiras (rimas) que são postas pelo pedestre (cantor). (LCC, MCP)

**cururuca** (cap. 17) milho de pipoca.

**cutiara** (cap. 2) cutia-de-rabo. Menor que a cutia comum, com uma pequena cauda de 8 cm de comprimento; possui hábitos noturnos. (ABH, MCP)

**derrame** (caps. 1, 11, 14) declive de morro, lombada. Vocábulo usado no sul do Brasil. (MCP)

**dindinha Lua** (cap. 8) hipocorístico popular para madrinha ou avó. No Nordeste registra-se o costume de apresentar as crianças à lua, sua madrinha, para que ela as abençoe.

**Ducucu** (cap. 4) deus do sono como Acutipuru, Murucututu. (MCP)

**efém** (cap. 7) ou efum “é a cerimônia de pintar a cabeça da iaô, candidata ao posto de filha de santo. Raspada a cabeça, pintam-na com as cores do orixá ao qual se votará. A escolha da cor, dependente desse orixá, é feita

pelo babalaô, que adivinhou ou viu. Esse efum será apagado com uma infusão de ervas também dedicadas ao mesmo orixá”. (LCC)

**embaúba** (cap. 5) ver ingazeiras. “Plantas de folhas largas, da família das Cecrórias, muito comuns nas margens de rios, lagos e igarapés da região amazônica.” (MCP)

**embiroçu** (cap. 4) “Do tupi embiwa’su, ‘embira grande’. Árvore da família das bambáceas, paineira. Madeira macia e levíssima, fruto cheio de paina.” (MCP, ABH)

**Ererê** (cap. 10) serra que se desenvolve paralelamente ao rio Maicuru, à margem esquerda do Amazonas. (DGB)

**erisipa** (cap. 13) ou erisipela. Doença infecciosa e contagiosa, do grego erysipelas, enrubescimento da pele.

“**eropita boiamorebo!**” (cap. 15) frase no tupi, atribuída a Anchieta que, navegando sob um sol inclemente, dirigiu-se aos pássaros: “Faz com que teus companheiros parem aqui, sobre nós!” (MCP)

**Espácio** (cap. 16) é o nome do boi cantado em romance popular nordestino muito antigo. (MCP)

**Exu** (cap. 7) do iorubá. Divindade do candomblé, representante das potências contrárias ao homem. Os afro-baianos assimilam-no ao demônio. (MCP)

**famílias** (caps. 11 e 16) filhos conforme o dizer nordestino, Mário de Andrade usa também essa expressão na cena do retrato, em Amar, verbo intransitivo, mostrando, no discurso do narrador, o contraste entre uma burguesia que posa para a posteridade e aqueles que ficam à margem da história. (TPAL)

**fartum** (cap. 8) cheiro mau ou nauseante; *bodum*, catinga, aca, inhaca, morrinha. (ABH, MCP)

**filhinha da mandioca** (caps. 5, 10 e 15) referência à lenda sobre a origem da mandioca. A jovem filha de um chefe selvagem dera à luz uma menina lindíssima e branca. A criança teve o nome de Mani; andava e falava precocemente; morreu ao cabo de um ano, sem ter adoecido e sem dar mostras de dor. No lugar onde foi enterrada brotou uma planta desconhecida, a que deram o nome de Mani-oca, casa ou transformação de Mani. (LCC)

**flitar** (cap. 4) passar Flit, inseticida esguichado com bomba especial. A marca passou a designar o objeto, tal a difusão do uso.



**Florence, Hercules** (cap. 15) cientista e desenhista (Nice, 1804 – São Paulo, 1879). “Fez parte da expedição do Cônsul da Rússia, no Rio de Janeiro, o Barão George Heinrich von Langsdoff, pelas então províncias de São Paulo, Minas Gerais e Pará de 1825-1829. Florence escreveu Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas. Seus estudos sobre fotografia encontram apoio em Afonso Taunay, no prefácio à Viagem.” (MCP)

**Forte de São Joaquim** (cap. 16) situado na foz do Tacutu (Roraima) foi erigido por Mendonça Furtado, governador do Pará, para defesa contra os espanhóis; mandato régio de 1752, sob D. José I. (MCP)

**fossem maigres** (cap. 9) do francês *fausse maigre*, mulher magra, porém curvilínea.

**fundões** (cap. 12) lugares distantes, ermos. (MCP)

**fute** (cap. 7) eufemismo para diabo, cujo nome o povo evita pronunciar.

**gaiola** (cap. 13) barcos pequenos, a vapor, segundo a designação na Amazônia usada também no Maranhão e no Piauí. Navegando nos rios, pondo em comunicação com cidades, vilas, povoados e barracões. (MCP)

**galguincha** (cap. 7) magricela, esquelética, esfomeada, termo popular no Rio Grande do Sul. (MCP, ABH)

**ganhar os bredos** (cap. 2) tomar rumo ignorado; desaparecer, sumir. Brasileirismo do Norte e Nordeste. (ABH, MCP)

**ganzá** (cap. 11) “espécie de maracá indígena; é um cilindro de folha de flandres; fechado, e com um cabo. Contém grãos ou seixos, que soam, agitando-se, para acompanhamento musical.” (LCC, MCP)

**gauderiar** (cap. 4) andar errante, de casa em casa, flautear, gauchar. Brasileirismo do Rio Grande do Sul.

**Gouveia, Delmiro** (cap. 17) industrial brasileiro que na cidade de Pedra, em Pernambuco, montou uma fábrica de linhas, a qual, depois de um período de desenvolvimento, foi solapada pelos trustes ingleses. Delmiro Gouveia é um símbolo de resistência, invocado nas campanhas nacionalistas. Na crônica: “O grande cearense”, n’Os filhos da Candinha, Mário externa sua admiração: “Delmiro Gouveia, cearense, era um gênio da disciplina. Pedra chegou a uma perfeição de mecanismo urbano como nunca houve igual em nossa terra.”

**grajau** (cap. 6) “ou garajau. Cesto feito de cipós entrelaçados, no qual os roceiros conduzem galinhas e outras aves ao mercado.” (ABH, MCP)

**graxaim** (cap. 16) “do tupi *agwa’ra’xa’é*. Animal semelhante à raposa do campo e ao cachorro do mato.” (MCP)

**grelo** (caps. 2, 6 e 16) rebento que se desenvolve no bulbo ou no tubérculo de certas plantas e aparece fora da terra; broto. (ABH)

**grigri** (cap. 6) fragmento de madeira, seixo, concha etc. que se torna objeto de culto. (MCP)

**grilo** (caps. 9 e 11) guardas de trânsito assim chamados por usar apito. Recrutados de Santa Catarina, tinham forte sotaque alemão; eram louros e altos.

**grugunzando** (cap. 12) gíria para meditando, refletindo, pensando.

**grumixama** (cap. 16) fruto da grumixameira; árvore frutífera da família das mirtáceas (*Eugenia brasiliensis*).

**guaiaumum** (cap. 1) do tupi waia'mu. Espécie de crustáceo decápode, braquírio, da família dos gecarcinídeos (*Cardisoma guanhumi*); vivem em lugares lamacentos, à beira-mar, escondidos em tocas que eles mesmos cavam. (ABH, MCP)

**guaimbé** (cap. 16) “Em alguns estados é chamado banana-imbé. Planta parasita que nasce no alto das árvores de grande porte e de lá lança as raízes para o solo.” (MCP)

**Guajará Mirim** (cap. 6) cidade à margem direita do rio Mamoré em Roraima; última estação da ferrovia Madeira-Mamoré.

**guajiru** (cap. 5) ou abajeru. Planta da família das rosáceas (*Coupeia canomensis*), cujo fruto de mesmo nome é usado na alimentação.

**guaju-guaju** (cap. 12) do tupi gwa'yu, gwa'yu. “Insetos himenópteros da família do dorilídeos, gênero Eciton. Formiga-correição; insetos capazes de realizar grandes migrações, em que milhares de obreiras percorrem vastas extensões de território durante algumas horas. Guerreira, morupeteca, guaiú, sacassaia, tanoca, taoca.” (ABH, MCP)

**guanumbi** (Ep.) beija-flor, colibri.

**guaraná** (caps. 3, 5 e 12) planta da família das sapindáceas (*Paullinia cupania*) que cresce na margem direita do Amazonas, especialmente no vale do Tapajós. É refrigerante, calmante, adstringente e subtônico; também reputado como antifebril. (BJS, MCP)

**guariba** (cap. 5) do tupi wa'riwa. Designação comum aos símios platirrinos, da família dos cebídeos, do gênero *Alouatta*, da América Central e do Sul. Vegetarianos, vivem em bandos de mais de doze.

**guaruba** (cap. 12) árvore da família das rutáceas (*Galipea jasmini flora*), também conhecida como três-folhas-do-mato, guamba, angustuaia e guamixinga.

- guascar** (caps. 3, 4, 17) do espanhol platino guasquear. (MCP) Fustigar, chicotear com o uso da gasca. (ABH)
- guaxe** (cap. 2) do tupi waxi. Termo onomatopaico. “Pássaro da família dos icterídeos, do Brasil Central para o Sul, de coloração preta, dorso inferior escarlate e bico amarelo; faz os ninhos pendurados nas árvores; vive em bandos.” (MCP, ABH)
- guirá** (cap. 11) do tupi uirá. Nome genérico para aves, pássaros. (MCP)
- gupiara** (caps. 6, 8 e 17) variante de grupiara; Ku’rupi’ara, “jazida de cascalho”. Designação, nas regiões auríferas, ao cascalho em camadas nas falhas das montanhas, de onde se extrai ouro. (ABH)
- Gurupá** (cap. 11) cidade do Pará, à margem direita do rio Amazonas, onde existe um pequeno forte. Mário de Andrade visitou-o em 1927.
- Gurupi** (cap. 11) rio que nasce nas encostas da serra do mesmo nome, prolongamento da Serra da Desordem; possui mais de 60 mil km<sup>2</sup> de superfície; abre-se diante do oceano em forma de estuário, largo e navegável. Separa os estados do Pará e Maranhão. (DGB)
- Guzerá** (cap. 6) raça bovina originária da Índia, muito difundida no Brasil. Fornece bons novilhos para trabalho e para corte. Dá pouco leite e cruza muito bem com o gado nacional e o europeu. (DGB) Introduzido no Brasil entre 1910-20 na região de Cantagalo (RJ), por João Carlos Burguês de Abreu, grande importador. Curvelo (MG) e o Triângulo Mineiro transformaram-se em grandes centros criadores de Guzerá.
- hupmobile** (cap. 5) marca de automóvel norte-americano de médio luxo. De linhas aerodinâmicas, serviu para designar, na gíria paulistana, mulher bonita.
- iandu** (cap. 4), yandú ou nhandu, do tupi nãdu, aranha. (SB) Entra nas lendas caxinauá como detentora e senhora do frio. (MCP)
- Ibiraçoiaba** (cap. 14) possivelmente corruptela de Arassojava, a montanha no caminho de Sorocaba, onde havia minas de ferro.
- icá** (cap. 7) “demônio da mitologia caxinauá, senhor do frio, do sol e da noite. Há várias lendas em que o ‘Grande Diabo’ aparece.” (MCP)
- icamiaba** (caps. 3, 4, 5, 6 e 9) o mesmo que amazona. O nome icamiaba vem da região próxima ao monte Iacamiaba no Amazonas, onde, segundo a lenda, viviam as mulheres guerreiras. Mário de Andrade recupera a lenda, já referida em Muiraquitã de Barbosa Rodrigues e em Koch-Grünberg. (LCC, MCP)

- Iemanjá** (cap. 7) Mãe-d'água dos iorubanos. Orixá marítimo, a mais prestigiosa entidade feminina dos candomblés de Bahia. Recebe oferendas rituais, em grandes festas à beira-mar. Seu culto está bastante difundido em todo o Brasil. Valendo como Nossa Senhora da Glória, seu dia é 2 de fevereiro. Protetora das viagens. (LCC, MCP)
- iererê** (cap. 4) ave da família dos anatídeos. Vivem nos rios e lagoas da África, Antilhas e América do Sul. Sua voz repete as sílabas do seu nome popular.
- igaçaba** (cap. 3) “do tupi iga’saba, lugar onde a água cai. Vaso de barro, pote para água, urna funerária. Era costume entre os indígenas enterrar seus mortos em potes de barro. Entre os achados das cavernas do rio Cunani, estudados por Goeldi, aparece a descrição de uma urna em forma de uma criança. Mário de Andrade funde elementos de várias regiões. Assim, entra o boitatá, comedor de olhos, como figura na lenda gaúcha, relatada por Simões Lopes Neto.” (MCP)
- igapó** (cap. 3) do tupi ia’pó, mãe da água. *Termo* amazônico designando a floresta inundada por ocasião das enchentes. (ABH, MCP)
- igara** (caps. 5 e 9) do tupi i’ara, senhor da água. “Canoa pequena e esguia, feita de casca de árvore.” (ABH)
- igarapé** (caps. 4, 5, 6, 8 e 11) do tupi iara’pé, caminho da água. Pequenos rios ou riachos somente navegados pelas canoas. (FSB, MCP)
- igarité** (caps. 14, 15 e 16) do tupi iari’té, canoa verdadeira. Embarcação grande, maior que a montaria e menor que a galeota, com capacidade para carga de uma a duas toneladas, movida a remo, varejão, sirga ou motor. (ABH, MCP)
- Ilague** (cap. 10) “Ilág formiga tocadeira venenosa entre os taulipangues.” (MCP)
- inajá** (caps. 5, 6 e 16) do tupi ana’yá, variação de anaiá. Palmeira da família das palmáceas (*Pindarea concinna*) de cerca de 5 a 6 metros de altura; anaiá, anajá, inaiá, indaiá, najá, perinã. Maranhão.
- inambuguaçu** (cap. 16) ave da família dos tinamídeos (*Crypturellus obsoletus*), distribuída do Rio Grande do Sul à Amazônia. Vive nas matas virgens. O mesmo que inhambu-guaçu, nambuguaçu, nhambuguaçu, inamuguaçu. (ABH, MCP)
- ingá** (cap. 16) “do tupi ã-gá. Denominação comum às árvores do gênero Inga, da família das leguminosas, cujos frutos capsulares geralmente comestíveis levam o mesmo nome. Existe em todo o Brasil.” (ABH)

- ingazeira** (caps. 5 e 16) árvore da família das leguminosas (*Inga capuchoi*), comum na região do rio Tapajós (Pará); o mesmo que ingá. (ABH)
- inhame** (cap. 16) designação comum a ervas da família das aráceas (gêneros *Alocasia* e *Colosia*) e às da família das dioscoreáceas (gênero *Dioscorea*) que produzem tubérculos nutritivos e saborosos. (ABH)
- inhapa** (cap. 12) do quíchua yapa. Gorjeta; o que se ganha além do combinado. (ABH)
- ipadu** (cap. 13) do tupi ipa'du. Arbusto da família das eritroxiláceas (*Erythroxylum cataractum*) cultivado pelos índios do alto Amazonas e que possui as mesmas propriedades da coca, ainda que atenuadas. Suas folhas são tostadas, socadas e misturadas às cinzas de uma espécie de embaúba. Este pó é mascado e, às vezes, engolido. (ABH, UPK & TK)
- ipeigara** (cap. 4) “igara; do tupi ygara, canoa. Canoa pequena e esguia feita de um único toro ou casca de árvore.” (ABH)
- Iporanga** (cap. 15) cidade situada à margem direita do rio da Ribeira, em São Paulo. Antigamente denominada sítio Arraial ou Guapiara. (DGB)
- ipu** (cap. 16) do tupi ipo'ú, alagadiço. Terreno úmido próximo a pequenos montes, que forma várzeas ou vales por onde correm as águas provenientes de riachos. (ABH)
- ipueira** (cap. 15) variação de ipuera, do tupi i+pwer por kwer, água passada, que já não corre. Também chamadas ipueras, ypoeira, ipoera. Denominação do nordeste. Lagoeiros geralmente piscosos, que formam nos lugares mais baixos nas margens dos rios quando estes transbordam; as ipueiras duram vários meses. (ABH, MCP)
- Iquitos** (cap. 6) cidade situada na região amazônica, à margem esquerda do rio Marañon, capital do departamento de Loreto, no Peru. Foi visitada por Mário de Andrade na viagem d'O Turista Aprendiz de 1927.
- Iroco** (cap. 7) a “grande gameleira” segundo os Nagô, objeto de culto da fitolatria fetichista afro-brasileira. Também chamada de Loco pelos Jeje. (LCC)
- itacolumito** (cap. 6) ou itacolomito, do tupi itacolomi+ito. Rocha metamórfica do Brasil, uma variedade de quartzito flexível, de cor clara, constituído de pequenos grãos de quartzito, ferro micáceo, talco e clorito. (ABH, MCP)
- itamotinga** (cap. 6) do tupi itá'mo-tinga, a pedra esbranquiçada. Espécie de pedra brilhante que se encontra em margens de rio. (LCT, FSB)

- itaúba** (cap. 6) do tupi i'tá iwa, pedra-árvore. Árvore de folhas espessas e madeira muito resistente, da família das lauráceas (*Mezilaunis itauba*), usada principalmente em construção naval. (ABH)
- jacareúna** (cap. 5) na enumeração arrolando variedades de jacarés, répteis da ordem Emidossauros, família dos crocodilídeos. (MCP)
- Jaciuruá** (cap. 6) lagoa cujo nome significa “Espelho da lua”; conforme a lenda, tem as margens habitadas pelas amazonas, a tribo das mulheres sozinhas, segundo Proença, apoiado em Barbosa Rodrigues, Muiraquitã. (MCP)
- jacumã** (cap. 8) do tupi yaku'mã, remo em forma de pá, usado pelos índios. (ABH)
- jacutinga** (cap. 5) do tupi ya'ku+~tiga, branco. Ave da família dos cracídeos (*Pipile jacutinga*) que vive nas matas virgens e se alimenta principalmente de pequenos frutos e bagas; por isso raramente desce ao chão. (ABH)
- jaguara** (cap. 6) do tupi-guarani, ya'wara. No Paraná e Rio Grande do Sul significa cão ordinário.
- jaguataci** (cap. 16) termo empregado por Mário de Andrade como denominação de espécie de formiga. Não foram encontradas outras referências a esta palavra. (MCP)
- jamaxi** (cap. 13) cesto comprido muito usado no transporte da mandioca da roça para o poço e de lá para a casa do forno. Tem um de seus lados achatado para se acomodar às costas de quem leva e tiras de embira para prendê-lo à testa ou aos ombros. (MCP)
- jananaíra** (cap. 7) do tupi, figura da mitologia amazônica. (MCP)
- jandaia** (caps. 3, 4 e 15) do tupi ñe'ndai, denominação comum a várias espécies de aves da família dos psitacídeos, gênero Aratinga, especialmente a Aratinga jantaya. Vivem em bandos e podem ser encontradas em todo o Brasil. São também chamadas nandaia, nhandaia, maritaca e periquito-rei. (ABH) O séquito de araras e jandaias, voando, protege Macunaíma contra os raios do sol; parodia uma das lendas de Anchieta.
- jaó** (cap. 5) designação de duas espécies de aves da família dos tinamídeos, a *Crypturellus undulatus*, mais comum no Brasil central, e a *Crypturellus noctivagus*, encontrada do Nordeste ao Sul do país. Também chamada juó, macucau, macucauá e zabelê. É caçada com auxílio de um pio de espera, imitando sua voz. (ABH, MCP)

**japecanga** (cap. 14) do tupi yape'kaga, trepadeira da família das liliáceas (*Smilax japicanga*) de cuja raiz se extrai uma droga de efeito depurativo. O mesmo que salsa-americana, salsaparrilha, zarza. (ABH, MCP)

**japiim** (cap. 4) ou japim. “Do tupi ya'pi. *Ave da família dos icterídeos* (Cacicus dela), encontrada no Brasil e nos países limítrofes. Denominações: japi, baguá, bom-é, xexéu, João-conguinho.” (ABH)

**jaraqui** (cap. 16) do tupi yara'ki. Peixe teleósteo, caraciforme, da família dos caracídeos (*Prochilodus brama*) muito comum na Amazônia; sobe os rios em direção às nascentes para a desova, nos dias que antecedem a época das cheias. Em Manaus, é muito usado na alimentação. (ABH, MCP)

**jarina** (cap. 4) do tupi ya'rina. *Palmeira baixa*, de caule grosso (*Phytelephas macrocarpa*), encontrada na Amazônia. As sementes, grandes e duras, são empregadas na fabricação de botões. (ABH, MCP)

**jatuarana** (cap. 2) peixe da família dos caracídeos (*Ilemiods microlepis*), encontrado na Amazônia e no Paraguai. (ABH)

**javevó** (cap. 7) gíria para desengraçado, insulso, corrido, desapontado (M. Viotti, Dicionário da gíria brasileira, p. 198). Palavra que tem origem no linguajar infantil e quer dizer grande, demasiado alto. João Ribeiro faz um estudo interessante sobre a origem do vocábulo. (MCP) Pessoa de aspecto desagradável, feia, mal trajada. (ABH)

**jeje** (cap. 7) indivíduo pertencente ao povo negro denominado Jeje, que habita o Daomé (África). Os Jeje, como escravos no Brasil, deram importante contribuição a nossa cultura. (ABH)

**jeju** (cap. 2) do tupi ye'uy. Peixe da família dos caracídeos, dos rios Amazonas, Paraguai e São Francisco (*Hoplerythrines unitaemiatus*). É carnívoro e chega a 30 cm de comprimento. Jiju, traíra-pixuna, traíra-pixúria. (ABH)

**jenipapo** (caps. 2, 3 e 6) fruto do jenipapeiro (árvore da família das rubiáceas (*Genipa americana*), fortemente aromático. É usado por alguns indígenas para escurecer a pele; dele também se faz licor, muito apreciado no Norte e Nordeste do Brasil.

**jerimum** (cap. 16) variante de jerimu, do tupi yuru'mu. Designação do Norte e do Nordeste do Brasil: abóbora, aboboreira ou abóbora-moranga. Denominação vulgar comum a várias espécies do gênero *Curcubita*, família das curcubitáceas.

**jirau** (cap. 1) do tupi *yi'rab*. Qualquer armação de madeira em forma de estrado, geralmente usado como cama, ou para guardar utensílios de cozinha. É também a armação de madeira sobre a qual se constroem casas para evitar a água e a umidade. (ABH, MCP)

**joão de pau** (cap. 15) remo de mão que, fazendo as vezes de quilha, é amarrado na popa de uma montaria (barco amazônico) permitindo ao pescador solitário remar na proa, podendo assim arpoar, sem que o barco se desvie. Comum no baixo Amazonas. (ABH, MCP)

**jongo** (cap. 7) do quimbundo *jihungu* ou *caxambu*. Dança executada ao redor de tambores, caxambus e outros instrumentos musicais. Variedade de samba encontrado em São Paulo, Minas Gerais, Espírito Santo e Rio de Janeiro, com diferentes coreografias, conforme a região. (LCC, ABH)

**José Prequeté** (cap. 12) personagem de parlenda infantil: “Zé Prequeté/Tira o bicho do pé/Prá tomar com café.” (MCP)

**jucurutu** (cap. 3) ou *jucututu*, de *jaracatu*, com assimilação. Designação vulgar de várias espécies de corujas, aves pertencentes à família dos *lubonídeos*. Os indígenas interrompem suas atividades ao ouvir o pio destas aves que consideram agoureiras. Coruja, caburé, mocho, ponde. (LCC, ABH)

**jurema** (cap. 6) do tupi *yu'rema*. Arbusto da família das leguminosas, muito difundida no litoral brasileiro (*Pithecolobium tortum*). De sua folhagem os índios fazem uma beberagem que, segundo eles, os encanta e os transporta aos céus. (MCP, ABH) É bebida ritual da pajelança do Norte brasileiro.

**jurupari** (caps. 5 e 7) do tupi. Figura mitológica dos Tupi, que teria ensinado aos índios o uso dos instrumentos musicais. Longa trompa (instrumento musical) indígena do alto Amazonas. Entidade malfazeja da mitologia tupi que vive nas matas e devora seres humanos. (ABH, LCT, MCP)

**jururu** (caps. 16 e 17) *xearu'ru*, estar tristonho. Triste, mal-humorado, pensativo, melancólico. (ABH, MCP)

**jutaí** (cap. 5) do tupi *yuta'i*, *jatai*. Árvore da família das leguminosas, da Amazônia e Nordeste (*Ilymenaea courbaril*). O fruto é a vagem que contém um farináceo comestível e o tronco dá resina própria à fabricação de verniz. (ABH, MCP)

**lamparina** (cap. 13) do espanhol *aparilla*. Mário de Andrade usou o termo na acepção de faca. (MCP)



**Leitão, Joaquina** (cap. 3) ou Quinquina Cacunda. Célebre rendeira que viveu na praia do Burgalhau, Maragogi, em Alagoas, nos fins do século XIX e início do XX, segundo informação de Ascenso Ferreira oferecida a Mário de Andrade durante a elaboração de Macunaíma. (MCP)

**letreiro** (cap. 11) designação dada no nordeste e no centro do Brasil às figuras rupestres, gravuras e pinturas em superfícies de rochedos e paredes de cavernas. Nas demais regiões do país, recebem ainda os nomes de pinturas, pedras lavradas, pedras riscadas (Minas Gerais), pedras pintadas ou itaquatiaras (Amazonas). Litógrafos. (DGB)

**Louro Vieira** (cap. 3) duas irmãs que residiram na cidade de Óbidos, no Pará, onde possuíam uma farmácia, herdada do pai. Famosas pelos doces artísticos (em forma de flores, animais etc.) que fabricavam. (MCP) Suas aptidões foram conhecidas por Mário de Andrade durante a viagem de 1927, à Amazônia, quando parou em Óbidos.

**macaxeira** (caps. 2, 12 e 13) variante de maca'xera, do tupi maka'xera. Designação da mandioca doce, não venenosa, no Norte e Nordeste brasileiro; mandioca no Sul. Planta da família das euforbiáceas (*Manihot utilissima*). O tubérculo dessa planta, que recebe o mesmo nome, é utilizado principalmente para a fabricação de farinha. (ABH)

**macuru** (caps. 1, 11 e 17) ou mucuru. Segundo Barbosa Rodrigues (*Poraaduba amazonense*), é o berço do índio, constituído por duas rodela de cipó, juntadas por cordéis, cobertas de algodão, formando uma espécie de cesto. Suspenso em um caibro por uma corda a pequena distância do solo, permite que a criança se embale, movendo as pernas e o impulsionando com os pés, como uma rede. (TPAL)

**maissó** (cap. 13) “órgão sexual feminino, em língua miranda-carapana. Segundo Von Steinen, é uma figura lendária dos Parecis que, colocando uma vara na vulva, fez nascer os rios.” (MCP)

**malinconia** (cap. 14) forma antiga e popular do vocábulo melancolia. (ABH, MCP)

**maloca** (caps. 1, 2, 3, 5, 8, 10, 12, 16, 17 e Ep.) “Aldeamento de índios. Theodoro Sampaio o deriva do tupi, como corruptela de mâr-oca – a casa de guerra. Significa aldeia, ranchada de índios.” (MCP)

**mamorana** (caps. 2 e 5) do tupi amazonense modificado mamao rana. Árvore da Amazônia, pertencente à família das bombacáceas (*Pachyra aquatica*), muito usada na arborização de ruas; cacau-selvagem, castanha-do-Maranhão, castanheiro-do-Maranhão, ebiratanha. (ABH)

**manadeiro** (caps. 6 e 16) ou manadeira. Manancial, nascente. (MCP)

**mandacaru** (caps. 2 e 5) do tupi mādaka'ru; também jaramacaru ou jumacaru. Cacto de porte arbóreo (*Cereus jamacaru*), característico da caatinga nordestina cuja base pode fornecer madeira e que, na seca, serve de alimento ao gado. As flores muito alvas, grandes, abrem-se apenas à noite. (ABH, MCP)

**mandaguari** (cap. 11) do tupi; variedade de abelha da família dos meliponídeos (*Nannatrigona Scaptotrigona postica*); inseto himenóptero, apóideo, também chamado benjoim, benjoí, bojuí, juí. (ABH, MCP)

**manducar** (cap. 12) do latim manducare, arcaísmo para comer, mastigar.

**mandu sarará** (cap. 8) estribilho de origem tupi, recolhido por Couto Magalhães em O selvagem.

**manga** (cap. 5) fruto da mangueira, geralmente doce e succulento (DH)

**manga** (cap. 12) espécie de corredor com paredes de varas que conduz a um rio ou um igarapé e serve para guiar os bois que vão ser embarcados. (ABH)

**mangará** (cap. 6) do tupi mãga-rá. “Ponta terminal da inflorescência da bananeira formada pelas brácteas que cobrem as pequenas pencas de flores abortadas.” (MCP)

**mangarito** (cap. 16) nome de várias plantas da família das aráceas. A variedade comum em Mato Grosso dá um bulbo comestível. (MCP)

**mangue** (cap. 5) sítios lamacentos do litoral e às margens de rios, onde vivem caranguejos.

**Mangue** (caps. 7 e 13) bairro carioca que concentrava a prostituição; Oswaldo Goeldi dá um importante testemunho do Mangue do Rio em uma série de águas-fortes.

**Mani** (ver *filhinha da mandioca*).

**maniveira** (caps. 16 e 17) “suco leitoso da mandioca ralada, obtido por pressão e que fornece condimentos muito apreciados.” (MCP)

**mapará** (cap. 2) do tupi mapàra. Peixe da família dos hipofthalmídeos (*Ilypoptahnus edentatus*), encontrado na Amazônia e no Paraguai. (MCP, ABH)

**Mapinguari** (cap. 15) segundo Proença, o mais popular dos monstros amazônicos. Gigante de forma humana que vive na floresta; vulnerável somente no umbigo. Ataca e devora pessoas que encontra. (MCP)

**maqueira** (cap. 6) ou **maquira** (cap. 11) do tupi ma'pera. Rede para dormir, tecida com fibras de tucum, miriti ou carauá. (ABH, MCP)

**Maraguigana** (cap. 2) segundo Yves d'Évreux, espírito que anuncia a morte eminente.

**Marapatá** (caps. 5 e 16) “Ilha no município de Manaus, na foz do rio Negro. No tempo de esplendor da extração de borracha, a ilha ‘ficou sendo a Sapucaia do escrúpulo: ali deixavam a consciência os que entravam nos seringais’ (Osvaldo Orico). Na ilha da Sapucaia recolheu-se durante longos anos o lixo do Rio de Janeiro.” (MCP)

**mármons** (cap. 5) automóvel norte-americano usado no Brasil na década de 1920.

**maromba** (cap. 2) “Registrado por Teschauer com duplo sentido: No Nordeste, maromba é sinônimo de manada de bois, magote; na Amazônia, é o estrado que os habitantes das margens de certos rios constroem para refúgio durante as inundações.” (MCP) Em Macunaíma, o termo é usado na segunda acepção.

**marruá** (caps. 7 e 16) touro bravo, valente (Pereira da Costa). “Touro que cresce nas brenhas, fugido desde novilho à servidão do pasto; é o herói das sagas nordestinas em que nossos vaqueiros se ombreiam com os legendários matadores de dragões. O rabicho da Geralda é modelo clássico do herói e de sua epopeia.” (MCP)

**marupiara** (caps. 3, 4, 12 e 15) do tupi marupi'ara. Designação de pessoa feliz, bem-sucedida, quer na pesca, na caça, na profissão, nos amores. Amazonas. (MCP, ABH)

**matamatá** (caps. 15 e 17) do tupi matama'to. Quelônio da família dos quelídeos (*Chelys fimbriata*) que vive em águas paradas e nas lagoas da Amazônia e se alimenta de sapos e pequenos peixes. Árvore da floresta amazônica, da família das lecitidáceas (*Eschweileira matata*), que foi chamada por Mário de Andrade de “cipó filho da luna”. (ABH, MCP)

**matintaperera** (cap. 4) ou mati-matê taperê, do tupi matintape're. Pequena coruja considerada agourenta, pois, segundo a crença indígena, os feiticeiros e pajés se transformam nesse pássaro para se transportarem de um lugar para outro, a fim de exercer suas vinganças. (MCP, ABH)

**matrinxão** (cap. 2) ou matrinxã. Designação comum a algumas espécies de peixes da família dos caracídeos do gênero Brycon, de carne saborosa. Habitam águas limpas e são pescados com iscas de frutas ou carne de outros peixes. (ABH, MCP)

**mauari** (cap. 5) “gênio do mal, entre os taulipangue.” (MCP)

**mazombinha** (cap. 7) “filho de europeu nascido no Brasil colonial.” (LCC)

**melado-caxito** (cap. 11) ou cavalo baio. Cavalo de coloração castanha ou amarelo-escuro. (ABH)

**membeca** (cap. 10) do tupi me'mbeka, mole.

**membi** (cap. 6) do tupi me'mbi. Flauta indígena, feita da tíbia dos animais ou dos inimigos. (ABH, MCP)

**mênie** (cap. 6) estojo para guardar flechas de sarabatana. (MCP)

**meruanha** (cap. 2) ou beruanha. Mosca-dos-estábulo, inseto da família dos muscídios (*Stomoxys calcitrans*). Suga o sangue de animais, sobretudo cavalos, e lhes transmite doenças, atacando-lhes as orelhas até causar feridas. Mosca-de-bagaço, mosca-de-gado, bironha, muruanha. (ABH)

**micura** (cap. 12) “ou mucura. Denominação amazônica do gambá, sariguê timbu, cassaco etc. Marsupial do gênero *Didelphis*. Possui glândulas que segregam uma substância de cheiro muito desagradável. Ladrão de galinhas.” (MCP)

**mocambo** (caps. 1, 2, 11 e 17) ou mucambo, do quimbundo mu'kambu, 'cumeeira. Habitação pobre, feita de folhas de palmeira. Palhoça, choça. (ABH, MCP)

**mocororó** (cap. 6) do tupi mokoro'ró. Designação comum a diversas bebidas frias feitas de arroz ou de mandioca e, no Ceará, de caju. (ABH)

**mondongo** (cap. 2) ou mundongo, do espanhol mondongo. Na Amazônia, pântano ou várzea lamacenta e densamente coberta de plantas palustres, especialmente aningas. (ABH)

**Morais, Ana Francisca de Almeida Leite** (cap. 3) tia materna e madrinha de batismo de Mário de Andrade; D. Nanhã. Solteira, viveu na casa do escritor. Exímia no tricô. O IEB-USP possui um casaquinho de bebê, trabalho dela, doado por D. Laura Rodrigo Otávio. Proença se enganou ao ligar esse nome à Tia Velha, personagem no conto “Vestida de preto”, pois esta era Isabel ou tia Bé, a irmã mais velha de sua mãe, Maria Luísa. (TPAL)

**mororó** (cap. 6) “Nome nordestino, dado, na Amazônia, às espécies arbóreas ou arbustivas de *Bauhinia*, também chamadas pé-de-boi ou unha-de-vaca em outras regiões. No contexto, ‘ganhar os mororós’ tem o sentido de escapular, fugir.” (MCP)

**morubixaba** (cap. 17) do tupi moribi'xawa. Chefe de tribo indígena brasileira. O mesmo que murumuxaua, muruxaua, tubixaba, tuxaua, cacique, curaca. (ABH, MCP)

**muçuã** (caps. 4 e 16) do tupi musu'ã. Réptil da ordem dos quelônios, da família dos einosteraídeos (*Cinosternon scorpioides*). Cágado do baixo Amazonas, principalmente da Ilha de Marajó, no Pará. Sua carne é muito apreciada. (ABH, MCP)

**muirapiranga** (cap. 6) do tupi mirapi'rãga, árvore da família das moráceas, fornece madeira própria para marcenaria (*Brosimum paraense*). (ABH)

**muiraquitã** (caps. 3, 4, 5, 6, 7, 9, 10, 12, 14, 15, e 17) do tupi miraki'tã. Artefato de nefrita ou jade, talhado em forma de serpentes, quelônios, batráquios etc., encontrado no baixo Amazonas, especialmente nos arredores de Óbidos e nas praias entre a foz dos rios Nhamundá e a do Tapajós. Aos muiraquitãs atribuem-se qualidades de amuleto. Segundo a lenda, seriam presentes que as amazonas davam aos homens em lembrança de sua visita anual. (LCC, ABH, MCP)

**mumbuca** (caps. 11 e 16) do tupi mũ-buka. Variedade de abelhas negras da família das melipônidas, (*Melipona capitata*). Também chamada mambucão e papa-terra. (ABH)

**munguba** (cap. 16) monguba ou manguba, árvore do planalto central copada, alta; dá frutos grandes como cocos.

**Muriú** (cap. 13) povoado do Rio Grande do Norte.

**murua** (cap. 1) dança cantada taulipangue, ligada ao herói Amaluzaiúpu. Em Koch-Grünberg está o relato do índio taulipangue Mayuluaípu, “De como surgiu a dança murua”.

**muruci** (cap. 8) ou murici, do tupi muri'si. Árvores e arbustos do cerrado; há várias espécies pertencentes ao gênero *Byrsonima*, da família das malpighiáceas. (ABH, MCP)

**murucu** (cap. 3) “Longa haste ornamentada de plumas e de desenhos em alto relevo e munida de uma ponta de lança móvel, e, alguma rara vez, de um ferrão de arraia, num dos lados, e do outro, de um maracá, aberto na própria madeira em que é feito o murucu, acabando em ponta endurecida ao fogo. É a insígnia dos chefes de muitas tribos no Uapés e Japurá, e dela se servem, hoje, para puxar as danças, como já serviram para guiar os próprios guerreiros na peleja. O murucu é geralmente usado pelas tribos que usam o torocana, parecendo, por isso mesmo, arma tupi-guarani.” (LCC)

**murucututu** (cap. 4) do tupi murukutu'tu. Ave da família dos estrigídeos (*Pulsatrix perspicillata*) da América do Sul. Coruja do mato, de orelhas

- pretas, considerada a mãe do sono; nas cantigas indígenas é invocada para trazer o sono às crianças que custam a dormir. (ABH, MCP)
- mururê** (cap. 4) do tupi muru'ré. Planta natante da Amazônia, de folhas vermelhas ou arroxeadas; ilesa para os taulipangue, segundo Koch-Grünberg; mururê bravo. Flutua durante as cheias e pode radicar-se ao solo, nas margens dos rios.
- mutá** (cap. 11) “Na Amazônia, assim se chama a uma espécie de palanque sobre o qual se espera a caça no mato ou o peixe à beira d’água.” (MCP)
- mutum** (cap. 5) do tupi mi'tu. Aves do gênero *Crax*, da família dos cracídeos. É preta, do tamanho de um peru pequeno com crista amarela. (ABH, MCP)
- mutumporanga** (cap. 5) do tupi mitu'po'rang, mutum belo. Ave da família dos cracídeos (*Crax nigra*), distribuída da margem esquerda do rio Amazonas para o Norte. (ABH)
- Naipi** (cap. 4) lenda da catarata do Iguaçu, do sul do Brasil. A versão recolhida por Álvaro Ancona de Faria em 1980 é composta exclusivamente por elementos sulinos. (Comunicação oral)
- nalachitchi** (cap. 3) órgão genital feminino, na língua canarimiri, canamare. (MCP)
- noitibó** (cap. 14) nome dado aos curiangos, aves de hábitos noturnos, da família dos caprimulgídeos. (MCP)
- nuquiiris** (cap. 17) termo empregado por Mário de Andrade no sentido de testículos.
- Obatalá** (cap. 7) do iorubá, o mesmo que Orixalá ou Oxalá. O maior dos orixás (divindades) das religiões afro-brasileiras. Entidade sincretizada com Jesus Cristo, é o céu, o firmamento personalizado. Divindade hermafrodita que preside a formação da criança no útero materno. (LCC, MCP, ABH)
- ogã** (cap. 7) do iorubá, auxiliar e protetor dos terreiros e candomblés. Cada candomblé possui vários ogãs que têm, cada qual, seu orixá protetor. (LCC, MCP)
- Oibê** (cap. 15) ou “Minhocão terrível”. “Serpente gigantesca, fluvial e subterrânea, vivendo no rio São Francisco e varando léguas e léguas por baixo da terra, indo solapar cidades e desmoronar casas, explicando o desnivelamento pela deslocação do corpanzil.” (LCC)
- oloniti** (cap. 2) fermentado alcoólico e espumante extraído da seiva do buriti (do tupi *mburi'ti*), palmeira (*Mauritia vinifera*) que também é chamada

buritizeiro, muriti, muritim, muriti, palmeira-dos-brejos, carandaguaçu, carandaiguaçu. (ABH, MCP)

**Olorung** (cap. 7) ou Olorum, do iorubá. O maior dos deuses iorubanos, senhor do céu, o alto firmamento. (LCC, MCP)

**Omulu** (cap. 7) ou Obaluaê, Xapanã. (ABH) “Orixá da varíola. É um orixá malfazejo, demoníaco, de atributos fálicos. Os animais que se lhe sacrificam são o galo e o bode. Alimenta-se também de milho com azeite de dendê. O seu fetiche é uma pequena vassoura enfeitada de búzios.” (LCC)

**osso de pai João** (cap. 14) o cóccix, ou macumbu, segundo Proença, citando Leonardo Motta.

**Oxosse** (cap. 7) ou Oxossi, do iorubá. Divindade protetora da caça e dos caçadores, representada nas macumbas por um arco atravessado por uma flecha. Identificado com São Sebastião do culto católico. (ABH)

**Oxum** (cap. 7), do iorubá. Divindade da mitologia afro-brasileira, protetora dos rios e das fontes; deusa do rio Oxum, na África. (ABH) “Seu fetiche é uma pedra marinha ou mesmo um seixo polido pelas águas correntes. A insígnia é um leque, de latão, o abedê, tendo no meio uma estrela branca ou uma sereia.” (LCC)

**pacari** (cap. 16) cesto confeccionado com folhas de tucum ou tucumã cujas talas são previamente coloridas. (MCP)

**pacova** (cap. 2) do tupi pa’kowa, folha de enrolar. Nome genérico dado, no Norte e Nordeste do Brasil, às várias espécies de bananas, frutos da bananeira, planta da família das musáceas. (ABH, MCP)

**pacova** (cap. 5) o mesmo que “dar uma banana”, gesto de ofensa.

**pacuera** (cap. 15) do tupi piaku’era, “entranhas já tiradas”, vísceras ou fressura de boi ou de porco. (ABH)

**pago** (caps. 5, 15 e 16) regionalismo gaúcho. A terra natal, o rincão, a querência, o povoado, o município onde alguém nasceu ou onde reside. (MCP)

**pajeú** (cap. 3) do tupi pa’yeu. “No Nordeste, faca de ponta, lambedeira, pajeuzeira.” (ABH)

**Pajeú** (cap. 11) rio de Pernambuco, afluente da margem esquerda do rio São Francisco. O vale do Pajeú apresenta locais com inscrições rupestres.

**pajuari** (cap. 3) do caribe paiuá. Bebida excitante, usada pelos indígenas, obtida pela fermentação de beijos de farinha ou da própria mandioca ralada e cozida em papa. (MCP, ABH)

**panapaná** (cap. 15) do tupi panapa'ná, migração de borboletas; em certas épocas do ano chega a formar verdadeiras nuvens. (ABH)

**panema** (cap. 4) do tupi pa'nema. Pessoa infeliz na caça, na pesca, nos amores, nos negócios. O mesmo que azarado, caipora, palerma. (MCP, ABH)

**papagaio** (caps. 3, 15, 17 e Ep.) denominação comum a aves de várias espécies da família dos psitacídeos, gênero Amazona, que têm por característica principal imitar bem a voz humana. Onze são as espécies brasileiras. (ABH)

**papiri** (caps. 6, 10 e 17) habitação do seringueiro, feita de folhas, na floresta e à margem de rios. (ABH, MCP) A sequência absorve o conto popular que explica o fato de urubu não ter casa.

**Paranaguara** (cap. 5) ou **Paranacoara** (cap. 11) na sequência das metáforas em que o herói funde o selvagem e o urbano (cap. 5), como observa Proença, Paranaguara vale para designar o arranha-céu. É uma das serras, a qual, ao lado da de Almeirim e outras, vai na Amazônia, da Vila de Almeirim a Monte Alegre; serras referidas por Spix e Martius na *Reise in Brasilien*.

**paranã** (cap. 12) mar, rio caudaloso.

**paricá** (cap. 11) do tupi pari'ká. Árvore da família das leguminosas (*Piptadenia peregrina*), natural da Amazônia, rica em tanino. (ABH) “O paricá, em língua geral, é uma espécie de rapé extraído da cortiça de uma árvore chamada paricá, a qual é raspada, cozida, e depois de decantar, seca ao sol. A essas raspas junta-se o pó vermelho de caraiuru. Colocado em pequenas cuias ou no oco da noz de tucum, esse pó era cheirado durante as cerimônias dos pajés. No dia em que cheiravam o paricá, os pajés tomavam um kaapi especial. Quando o pajé queria transmitir *seus* poderes ao filho recém-nascido, colocava paricá no seu umbigo.” (UPK & TK)

**parinari** (cap. 12) do tupi parina'ri. Duas variedades de árvore da Amazônia, da família das rosáceas: a *Couepia Chrysocalyx* e *Parinari rodolphi*, também chamadas vulgarmente paranari. (ABH)

**pataqueira** (cap. 11) ou pataquitera. Designação de duas ervas da família das escrupulariáceas (*Conobea aquatica* e *Conobea scoparioides*), que vivem nas águas dos riachos. (ABH, MCP)

**patuá** (cap. 15) “Saqitel que contém rezas ou objetos de feitiçaria. Em Mato Grosso se diz: – Quem não pode com a mandinga não carrega



patuá. – Amuleto que consiste em um saquinho ou breve de pano ou de couro, contendo uma oração qualquer, e que se traz ao pescoço, pendente de uma fita ou cordão.” (MCP)

**pau-campeche** (cap. 6) árvore da família das leguminosas (*Haematoxylon campechianum*), de cujo cerne vermelho-escuro é extraída a hematoxilina, corante muito usado em tinturaria e em laboratórios. (ABH)

**Pauí-Pódole** (caps. 10 e 17) Pai do Mutum que se transforma em constelação, a do Cruzeiro do Sul. Teschauer registra que o nome se liga ao fato de o pássaro mutum piar no momento em que a constelação chega a seu ponto mais alto no céu.

**pealo** (cap. 11) “passar o pealo”, enganar, lograr, usar de malícia para burlar. (MCP)

**pecaí** (cap. 4) palmípede do gênero Podiceps que habita os igapós. (MCP)

**Pedra Lavrada** (cap. 11) município que apresenta litógrafos; pertencente ao Piauí, passou em 1959 para Pernambuco.

**Pereira, Maria** (cap. 11) figura lendária do século XVII, quando da invasão holandesa; povoado à margem direita do rio São Francisco. (MCP)

**periantã** (cap. 15) do tupi piriã'tã, junco duro. Termo da Amazônia para designar uma aglomeração de canarana (gramíneas dos gêneros Paspalum e Panicum) que se encosta às margens dos rios ou é arrastada como ilha, flutuando na correnteza. (ABH, MCP) N'O Turista Aprendiz, Mário de Andrade observa a passagem das “ilhas de capim, periantãs chamadas”.

**piaba** (caps. 2 e 11) do tupi pi'awa, pele manchada. Designação comum a várias espécies de peixes fluviais da família dos caracídeos, especialmente dos gêneros Leporinus e Schizodon, de boca pequena. Alimentam-se de matéria vegetal e de animais em decomposição. (ABH)

**piaçoca** (cap. 5) do tupi pia'soka. Ave da família do jacanídeos, distribuída por todo o país. Em Mato Grosso é conhecido como cafezinho (Jaçanã). (ABH, MCP)

**picota** (cap. 5) galinha-d'angola. Ave originária da África, da família dos galiformes. (ABH, MCP)

**picuá** (cap. 2) do tupi piku'á, cesto, balaio, samburá, patuá. Saco de lona ou de algodão para levar roupa ou comida. Sapicuás. (ABH) No plural é móveis, trastes, mobília, trens (gíria). Usado também com o sentido de aborrecer alguém: encher o picuá ou o sapicuá.

**pilada** (cap. 3) pisada com o pilão; socada. (ABH)

- piquiá** (cap. 3) ou pequiá, do tupi piki'á. Grande árvore da família das cariocaráceas, da floresta pluvial amazônica. O fruto dá excelente óleo aromático que se assemelha ao da tartaruga, na cor e na consistência. Utilizada como condimento para arroz, e para o fabrico de licor. (ABH, MCP)
- pirá** (cap. 15) do tupi pi'rá, peixe. (ABH)
- piracema** (cap. 16) do tupi pirásem, “sair peixe”; é a migração de cardumes rio acima, para a desova. (UPK & TK)
- pirarucu** (cap. 4) do tupi piraru'ku, peixe vermelho, da bacia amazônica. Peixe de água doce, de escamas. Seu peso bruto, não raro, alcança 100 kg. A pesca é feita com anzóis ou com arpão. A língua é usada para ralar o guaraná, e a escama para lixar unhas. A carne, fresca, salgada ou seca, é muito apreciada. (ABH, MCP)
- piroga** (cap. 17) do caraíba piragua. Embarcação comprida estreita e veloz, usada por indígenas da África e da América. (ABH, MCP)
- piscar** (cap. 16) fechar os olhos involuntariamente. Referência a jogo infantil, no qual, para se descobrir a mentira de alguém passa-se a mão pela frente de seus olhos. Se piscar, mentiu.
- pitiguari** (cap. 8) ave passeriforme da Amazônia. Também conhecido como adivinhe-quem-vem-hoje, gente-de-fora-já-chegou, gente-de-fora-vem. (ABH)
- pixé** (caps. 6 e 12) do tupi pi'xé, cheiro de couro queimado, brasilianismo do Norte; mau cheiro. (ABH)
- pixilinga** (cap. 17) piolho de galinha, sujeira, imundície. (MCP)
- pixuna** (cap. 16) do tupi pi'xuna, pele negra, casca negra. “Canguçu pixuna” significa onça-pintada.
- plátano** (cap. 12) árvore da família das platanáceas. (ABH, MCP) São Paulo, nas ruas centrais, possuía muitos plátanos.
- Poço do Umbu** (cap. 11) Rio Grande do Norte. “Local onde há letreiros encarnados sobre as pedras. Foi Renan que, a pedido de Ladislau Neto, examinou cópias de inscrições petrográficas brasileiras, dando-lhes origens fenícias.” (MCP)
- Polisu** (cap. 11) adubo, marca muito difundida na época.
- pongar** (cap. 11) regionalismo. Tomar o bonde andando; no Banquete (1944-45), Mário de Andrade cria a personagem Siomara Ponga, improvisadora.

**pracuuba** (cap. 10) ou paracuuba, do tupi paraku'uba. Designação de duas plantas da família das leguminosas e uma das meliáceas. (ABH, MCP)

**professora, casar com** (cap. 7) dado de época na literatura de circunstância de Mário de Andrade. As professoras primárias, pelo salário alto que recebiam na década de 1920 (saudosos memórias!), eram consideradas bons partidos, isto é, recebiam muitas propostas de casamento.

**puraquê** (cap. 16) ou poraquê, do tupi pora'ke, o que faz dormir, o que entorpece. Peixe da Amazônia; emite descargas elétricas como arma de defesa e para obter outros peixes de que se alimenta. (ABH, MCP)

**Puro de Ica** (cap. 6) referência ao vinho forte, fabricado na região de Ica, no Peru. Mário de Andrade, durante a viagem ao Norte, em 1927, experimentou o vinho de Ica.

**puxirão** (cap. 5) ou mutirão. Auxílio, ajuda gratuita, entre vizinhos para executar algum trabalho. (MCP)

**Ramalho, João** (cap. 16) colonizador português que veio ao Brasil entre 1510-15. Casou-se com Bartira, filha do cacique Tibiriçá que dominava toda a bacia do Alto-Tietê. (NDHB)

**randevu** (cap. 6) forma abrigueirada da expressão francesa rendez-vous; encontro amoroso clandestino; casa de tolerância.

**rasoura** (cap. 12) “os caipiras de São Paulo assim designam o lugar raso de um rio ou de uma lagoa.” (BJS)

**restilo** (cap. 10) álcool redistilado, aguardente muito forte. (MCP)

**Rudá** (caps. 4 e 15) “Rudá ou Perudá, deus do amor na teologia tupi. Encarregado de promover a reprodução dos seres criados. Reside nas nuvens. Invocações eram feitas a Rudá e aos seus dois satélites (deuses inferiores) Cairé e Catiti. As invocações aconteciam ao pôr do sol ou da lua, e, como quase todos os cantos dos índios, eram pesados, monótonos e melancólicos.” (LCC)

**sacassaia** (cap. 4) formiga-correição. Segundo Humboldt, muito temida. (MCP)

**sairê** (cap. 7) do tupi sairé, espécie de dança dos índios Tapuia; provável influência portuguesa. (ABH)

**samaúma** (caps. 3 e 15) ou sumaúma. Do tupi suma'uma. Árvore gigantesca da família das bombáceas, das florestas inundáveis, de tronco imenso, flores albas e vistosas. As cápsulas estão cheias de paina, que serve para fazer salva-vidas. Com a madeira, branca e leve, fabricam-se caixotes,

brinquedos e jangadas. (ABH, MCP) Paineira. As raízes são usadas como telégrafos da selva; quando golpeadas com o remo o som se propaga.

**samburá** (cap. 11) cesto de cipó ou de taquara, bojudo e de boca estreita; é usado pelos pescadores para guardar peixes, camarões, etc, ou recolher seus petrechos. (ABH, MCP)

**Sancha** (cap. 6) Dona Sancha. Figura lendária da Ilha de Itamaracá (Pernambuco) de cujo corpo teriam nascido as mangas-jasmins. (MCP)

**sapicuá** (caps. 2, 5 e 11) do guarani hapicuá. Saco de matalotagem; picuá. (ABH)

**sapota** (caps. 2 e 8) do náuatle tzpote. Fruto da árvore da família das sapotáceas, originária da América Central. Seu látex contém 15% de borracha e serve para fabricar chiclete. O fruto, o sapoti, muito apreciado, é baga parda, carnosa e bastante doce. (ABH, MCP) Também conhecida como sapotilha.

**sapupira** (cap. 12) do tupi sapu'pira. Três variedades de árvore, da floresta densa e úmida. Sebipira, sibipira. Amazônia. (ABH, MCP)

**sarará** (caps. 5, 8 e 11) do tupi sara'ra, que tem pelos ruivos. Inseto da família dos formicídeos, de cor avermelhada. Reúne-se em enxames nos dias de sol, depois das chuvas. Ataca as colmeias. (ABH, MCP) Denominação estendida ao mulato de cabelos claros, arruivados.

**saravá** (cap. 7) corruptela de salvar, saudar, usada nos cantos e rezas do catimbó, da macumba, do candomblé. (MCP)

**Sardinha, Afonso** (cap. 14) em 1590 estuda os minerais de São Paulo. Descobre ferro e instala a primeira usina desse metal no Brasil, em 1597 na Capitania de São Vicente em Biraçoiaaba. A indústria, entretanto, não se desenvolveu e mais tarde desapareceu completamente. Teria deixado, ao morrer, oitenta mil cruzados de ouro em pó, enterrados em talhas de barro em Jaraguá, São Paulo. (MCP)

**sassafrás** (cap. 15) do espanhol sasafrás. Canela, casca preciosa. (ABH)

**sim-sinhô** (cap. 6) bunda, nádegas; daí a semelha com a cabaça.

**suinara** (cap. 4) do tupi sũi'dara. Ave da família dos titonídeos, comum em todo o Brasil, exceto na Amazônia. Coruja de igreja, coruja das torres. (ABH, MCP)

**Sumé** (cap. 5) personagem misteriosa, homem branco que, antes do descobrimento, apareceu entre os indígenas, ensinando-lhes o cultivo da terra e regras morais. Repellido, abandonou a região, caminhando sobre as

- águas do mar. (LCC) Pertence às lendas de São Tomé, o apóstolo de Cristo que teria chegado às Américas.
- sururina** (cap. 14) designação comum às aves da família dos tinamídeos. Amazônia. (ABH, MCP)
- sururu** (cap. 6) molusco das lagoas Manguaba e Mundaú, em Alagoas. É importante na alimentação da população menos favorecida do Nordeste. (ABH, MCP)
- tacacá** (cap. 6) do caribe taka'ká. Prato típico do Amazonas e Pará: mingau quase líquido de goma de tapioca, temperado com tucupi, jambu, camarão e pimenta. (ABH, MCP)
- tacuru** (caps. 7 e 12) nos estados do Sul e em Mato Grosso designa montículos de terra fofa, às vezes até de dois metros de altura, encontradiços, de preferência nos campos ruins, alagadiços e banhados. Registrado por Teschauer. Os tacurus, não raro, abrangem largas extensões de quilômetros quadrados e, nesse caso, se diz tacuruzal. (MCP)
- taiaçu** (cap. 16) do tupi tai wa'su, dente grande. Queixada. (ABH, MCP)
- taifeiro** (cap. 7) criado de bordo.
- taioaba** (cap. 15) do tupi taya'oba, folha de taia. Planta originária da América tropical e muito cultivada como alimento. (ABH, MCP)
- taioca** (cap. 3) do tupi ta'yoka, formiga pardo-avermelhada. (ABH)
- tamanduá** (caps. 5 e 16) do tupi tamãdu'á. Mamífero desdentado, alimenta-se basicamente de cupins e formigas. (ABH, MCP)
- tambaqui** (cap. 4) do tupi tâba'ki. Designação comum aos peixes da família dos caracídeos, muito comum da Amazônia. Carne saborosa. Comercializado no rio Amazonas. (ABH, MCP)
- tambiú** (cap. 14) espécie de lambari.
- tamorita** (cap. 16) bebida indígena. (MCP)
- tanajura** (cap. 16) do tupi tanayu'rá. Içá. Designação comum às fêmeas ou às rainhas dos insetos da família dos formicídeos. (ABH, MCP)
- tangolomângolo** (Ep.) variante de tangolomango, “dar o tangolomângolo” é morrer. Cantiga de roda na qual, ao fim de cada verso, uma menina deixa o brinquedo. (LCC)
- tapanhuma** (caps. 1, 2, 5 e Ep.) de tapuy'una, selvagem negro. Tribo lendária pré-colombiana ou designação dos negros africanos que se refugiaram na selva.

**tapejara** (cap. 15) do tupi tape'yara, aquele que indica o caminho. Guia. (ABH) Mário de Andrade n'O Turista Aprendiz usa essa expressão para embarcação que vem guiar seu barco encalhado.

**tapera** (caps. 15, 16 e 17) do tupi tape'ra, aldeia extinta. Casa pequena, pobre ou abandonada em lugar ermo.

**taperá** (caps. 15 e 17) do tupi tape'rá, saído da tapera. Andorinha.

**tapicuru** (cap. 4) do tupi tapiku'ru. Espécie de ave pernalta da família dos ibidídeos, das zonas temperadas e tropicais da América do Norte e do Sul.

**tapipitinga** (cap. 12) variedade de formiga que procura alimento doce. (LCT)

**tapiri** (cap. 5) do tupi tapi'ri ou abrigo provisório, em nheengatu. Cabana de interior de madeira, coberta de folhas de palmeira, usada como abrigo nas tempestades. Amazônia.

**tapiucaba** (cap. 4) do tupi tapi'ukaua. Vespa venenosa. (ABH, MCP)

**tapuitinga** (cap. 11) denominação do branco dada pelos índios. (MCP)

**tatajuba** (caps. 2 e 14) do tupi tata'iwa, árvore de fogo. Árvore da família das moráceas, da floresta pluvial, de frutos comestíveis, do tamanho de uma laranja, e madeira amarela dura, que serve para construção de canoas. Amazônia. (ABH, MCP) Tinta verde usada para tecidos.

**tatucaba** (cap. 7) marimbondo-tatu. Assim chamado por causa do ninho construído nas árvores e que tem a forma de um tatu. (ABH, MCP)

**tatu-mulita** (cap. 4) tatuíra, tatuí. Vive enterrado na areia, a pouca profundidade.

**tauari** (cap. 14) do tupi tawa'ri. Fibra têxtil usada como invólucro, palha ou mortalha do cigarro, no interior da Amazônia. (MCP)

**teju** (caps. 4 e 16) designação indígena do lagarto. (ABH, MCP)

**tejupar** (caps. 2 e 5) tijupá ou palhoça. Cabanas de índios com duas águas no telhado de palha. (MCP) No cap. 4, Mário de Andrade usa a corruptela "tejupá".

**Telhado do Mundo** (cap. 11) os Andes, quando os viajantes matam a sede no Urubamba ou Vilcanota do Peru, oferecendo uma dimensão de América Latina a Macunaíma. (TPAL)

**tembetá** (caps. 4 e 15) do tupi t̃ebe ta, pedra do lábio. Designação de qualquer objeto duro e inflexível que os índios introduzem no furo artificial do beijo inferior, exceto o botoque. (ABH, MCP)

**teque-teque** (caps. 11 e 12) vendedor ambulante de tecidos e objetos de armarinho; mascate, regatão. Amazonas e Pará. (ABH, MCP)

**tia Ciata** (cap. 7) conforme registra Proença, conhecida mãe de santo que teve seu zungu na Praça Onze, no Rio de Janeiro. Aparece também no poema “Mangue” de Manuel Bandeira.

**Tietê** (caps. 4, 5, 8, 9 e 11) do tupi tiê'te, tiê, verdadeiro. Rio do estado de São Paulo, afluente da margem esquerda do rio Paraná. Nasce na Serra do Mar e desemboca junto à Ilha Grande. Desempenhou papel de importância no início da colonização. Mário de Andrade se reporta com frequência ao Tietê, rio essencialmente paulista. Deve-se lembrar que uma de suas últimas composições poéticas se intitula “Meditação sobre o Tietê”.

**timbó** (caps. 2, 11 e 17) do tupi ti'bó, o que tem cor branca ou cinzenta. (ABH) “Planta venenosa cujo sumo os índios jogam no rio, envenenando as águas e matando os peixes para pescá-los facilmente.” (Nota de Mário de Andrade para a tradução de Macunaíma).

**tincuã** (cap. 17) alma-de-gato, uirá ou quirá-paiê, pássaro feiticeiro. Seu canto, para os indígenas do rio Solimões, anuncia desgraças. (LCC, MCP)

**tingui** (caps. 11 e 17) nome vulgar de alguns vegetais com a propriedade de entontecer ou matar os peixes, permitindo ao pescador apanhá-los com a mão. (MCP)

**tipiti** (cap. 2) do tupi tipi'ti. Cesto cilíndrico, de palha, no qual se põe a mandioca que se vai espremer, peneira. (ABH, MCP)

**titara** (cap. 2) do tupi yasi'tara. Designação comum a várias espécies de palmeiras do gênero *Desmoneus*, ricas em espinhos agudos e longos de caule delgado e alongado com cipó. Jecitara, Iacitara. (MCP, ABH)

**toaliquiçus** (cap. 12) ou **toaquiçus** (cap. 15) testículos.

**tocandeira** (cap. 10) em língua geral, formiga preta; pica pessoas e animais causando muita dor.

**torê** (cap. 1) ou tolê, dança dos índios de Pernambuco. “Na frente vão os homens. Por fim as mulheres. A estas compete o canto, que os maracás e os iakitxás acompanham. A música é monótona, sem palavras, numa expressão dolente e quase invariável. Marcham dois a dois de fundo até o terreiro previamente escolhido. Em chegando, sem mudança de ritmo, formam semicírculo. A circunferência é fechada pelos assistentes.” (Mário de Andrade)

**tracajá** (cap. 4) do tupi taraka'ya. Réptil da ordem dos quelônios. Tartaruga de água doce, cuja carne e ovos são usados como alimento na região. Amazonas. (ABH, MCP)

**tracuá** (caps. 4 e 16) do taraku'á, devorador de espigas. Inseto da família dos formicídeos. Constroem formigueiros nas árvores e, quando lhes tocam, fazem um barulho característico, que lembra um sopro forte prolongado. (ABH) Os índios retiram dos ninhos das tracuás material para a isca de fogo ou pavio de isqueiro. Quando irritadas exalam uma substância que empesta. (MCP)

**tropilha** (cap. 13) bando de cavalos.

**tucunaré** (caps. 4 e 16) do tupi tukuna'ré. Peixe grande, de água doce da Amazônia, da família dos ciclídeos. Muito apreciado pelos pescadores. (ABH, MCP)

**tucunzeiro** (cap. 2) do tupi tu'kũ. Palmeira de 10 a 12 metros de altura, com grandes folhas que fornecem fibra forte para tecer rede etc. Os frutos oferecem óleo alimentício. Segundo o mito indígena, a noite saiu do caroço de tucumã. (ABH, MCP)

**tuiuiú** (cap. 11) do caraíba. Ave da família dos ciconídeos, existente em todo o território que vai do México ao Norte da Argentina. (ABH, MCP)

**Tupã** (cap. 5) ou Tupaua, deus do panteão indígena, citado por cronistas e viajantes.

**Tutu Marambá** (cap. 3) Bicho tutu, papão assombrador de crianças. Citado nos acalantos. Há vários tutus: tutuzambela, tutu-marambá, tutu-de-mato. (LCC, MCP)

**tuxaua** (cap. 4) do tupi tu'xawa; morubixaba, chefe de tribo indígena. (MCP)

**txara** (cap. 3) flecha sem penas, de três ou mais pontas como um garfo ou ancinho, típica dos Caxinauá. (MCP)

**uaiariquinizês** (cap. 2) termo nhambiquara para designar testículos. (MCP)

**uamoti** (cap. 7) espírito mau, demônio. (MCP)

**ubá** (cap. 5) do tupi iwa, árvore. Embarcação indígena sem quilha e sem banco, construída com um só tronco, escavado a fogo, ou de uma casca inteiriça de árvore com as extremidades amarradas por cipós. Amazônia. (ABH, MCP)

**uirapuru** (cap. 4) do tupi wirapu'ru. Pássaro da família dos pipnídeos, são os mais coloridos do gênero Popra. Seu canto só se ouve durante quinze dias por ano. É melodioso e dura apenas de 5 a 10 minutos. (ABH, MCP)

**umbu** (caps. 3 e 16) ou ombu, ambu, imbu. Do tupi i'mv-ú. Árvore própria da caatinga, cujas raízes possuem grandes tubérculos reservadores de



- água usados para saciar a sede dos viajantes. Fruto doce, alimentício.  
(ABH, MCP)
- umiri** (cap. 2) do tupi umi'ri. Arbusto ou árvore da família das humiriáceas, de ampla distribuição. A casca tem um bálsamo aromático, agradável. A madeira, castanha e dura, serve para construção de dormentes. Os frutos, de cor preta, são resinosos e comestíveis. Amazonas.
- uru** (cap. 5) ave da família dos jasianídeos, do Centro-Oeste e Sul do Brasil. Vivem no chão em pequenos bandos, alimentando-se de pequenos frutos e insetos; preferem as matas virgens; tidas como a melhor das caças de penas. (ABH, MCP)
- urucum** (cap. 2) ou urucu, do tupi uru'ku, vermelho. O fruto do urucuzeiro. Substância tintorial que se extrai da polpa desse fruto; açafrão. (ABH, MCP)
- urucungo** (cap. 8) do quimbundo ri'kungu. Instrumento de origem africana; o mesmo que berimbau.
- urumutum** (cap. 5) do tupi urumu'tũ, ave da família dos cracídeos, da região do Rio Negro e dos países limítrofes. Muito procurada pelos caçadores. Amazônia. (ABH, MCP)
- urupema** (caps. 2 e 10) do tupi uru'pema, uru chato. Espécie de peneira de fibra vegetal, para utilidades culinárias; sururuca. Norte e Nordeste. (ABH, MCP)
- ururau** (caps. 5 e 17) “Jacaré de papo amarelo, comum no rio São Francisco. Na cidade de Campos, estado do Rio de Janeiro, existe no rio Paraíba do Sul um ururau fantástico, devorador insaciável de notívagos e de libidinosos [...]” (LCC) Arurau no rio Tietê, São Paulo. (MCP)
- uxi** (cap. 16) árvore alta, de grande porte que frutifica, ao que se sabe, apenas quando tem de vinte a trinta anos.
- varina** (cap. 8) vendedora ambulante de peixe, em Lisboa. (ABH, MCP)
- vaticano** (cap. 13) vapor de navegação fluvial maior do que o gaiola. Amazonas. (ABH, MCP)
- Velho, Domingos Jorge** (cap. 16) bandeirante paulista do século XVII. Nasceu na vila de Parnaíba (SP); estabeleceu-se com fazendas entre os rios Poti e Parnaíba. Arrasou aldeias indígenas, foi o responsável pela destruição do Quilombo dos Palmares.
- vigilenga** (cap. 13) tipo de canoa de pesca, quase redonda, provida de velas. Pará. (ABH, MCP)
- Vilcanota** (cap. 11) rio do Peru, também conhecido como Urubamba.

**Vupabuçu** (cap. 6) “Lagoa encantada do alvorecer do Brasil, em cujas margens se encontravam ouro e pedras preciosas em profusão.” (MCP)

**Xangô** (cap. 7) divindade das tempestades, raios, trovoadas, descargas da eletricidade atmosférica. (LCC) Ligado a Cristo do culto católico, no sincretismo religioso afro-brasileiro.

**xarã** (cap. 15) variedade de papagaio.

**Xaréu** (cap. 6) nome do cachorro de Venceslau Pietro Pietra, nome que provém de peixe do oceano Atlântico. Nomes de peixes são dados a cães, no Brasil caboclo, para evitar a hidrofobia, dentro da magia simpática. Veja-se o nome da cadelinha Baleia em Vidas secas de Graciliano Ramos.

**xispeteó** (cap. 16) ou xpto, da melhor qualidade. Provém da abreviatura de Cristo, em grego na marca de lãs inglesas, garantindo a qualidade. Caindo na boca do povo, os quatro caracteres gregos passaram a ser pronunciados como letras de nosso alfabeto. (LCC)

**zaiacúti** (cap. 5) “escudo de folhagem usado pelos índios aritês para caçar.” (MCP)

**zamparina** (cap. 16) surto gripal que houve no Rio de Janeiro em 1780, caracterizado por alteração grave no sistema nervoso e no locomotor. (ABH, MCP)

**Zumbi** (cap. 16) do quimbundo nzumbi. Referência a Zumbi dos Palmares, o último dos líderes do Quilombo dos Palmares, o mais emblemático quilombo da História do Brasil.

**zungu** (cap. 7) do quilombo nzangu, barulho. Casa dividida em pequenos compartimentos para aluguel barato; cortiço. (ABH, MCP)

## Referências bibliográficas

Academia Brasileira de Letras, Vocabulário ortográfico da língua portuguesa.

(ABH) Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, Novo dicionário da língua portuguesa.

(BJS) Bernardino José de Souza, Dicionário da terra e da gente do Brasil [1910]. 5ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1961.

(CM) José Vieira Couto de Magalhães, O selvagem.

(DGB) Dicionário geográfico brasileiro.

- (DH) Dicionário Houaiss de língua portuguesa.
- (FSB) Francisco da Silveira Bueno, Vocabulário tupi-guarani-português.
- (GDEP) Grande dicionário etimológico-prosódico da língua portuguesa.
- (GEDL) Grande enciclopédia Delta Larousse
- (LCC) Luís da Câmara Cascudo, Dicionário do folclore brasileiro.
- (LCT) Luiz Caldas Tibiriçá, Dicionário tupi-português.
- (MCP) Manuel Cavalcanti Proença, Roteiro de Macunaíma.
- (NDHB) Novo dicionário de história do Brasil ilustrado.
- (TPAL) Telê Porto Ancona Lopez (org.), *Macunaíma*, edição crítica, coleção Archivos. Brasília: CNPq, 1988.
- (UPK&TK) Umúsin Pãrõkumu & Tõrãmu Kehíri, Antes o mundo não existia.